



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
POLO UNIVERSITÁRIO DE ACARÁ

VANESSA ROSA DE OLIVEIRA

**A RELAÇÃO CAMPO-CIDADE: REFLEXÕES ACERCA DO PERCURSO ESCOLAR E DE VIDA
DE ESTUDANTES, ACARÁ, PA.**

**ACARÁ /PARÁ
2019**

**A RELAÇÃO CAMPO-CIDADE: REFLEXÕES ACERCA DO PERCURSO ESCOLAR E DE VIDA
DE ESTUDANTES, ACARÁ, PA.**

VANESSA ROSA DE OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, como requisito para a obtenção do grau de Licenciada Plena em Pedagogia, sob orientação da Profa. Dra. Eliana Pojo Toutonge.

**ACARÁ /PARÁ
2019**

VANESSA ROSA DE OLIVEIRA

**A RELAÇÃO CAMPO-CIDADE: REFLEXÕES ACERCA DO PERCURSO ESCOLAR E DE VIDA
DE ESTUDANTES, ACARÁ, PA.**

Data da Aprovação: ___/___/_____

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge
Orientadora - UFPA

Prof. Msc. Antenor Carlos Pantoja Trindade
Servidor Público do Município de Abaetetuba

Profa. Msc. Lina Gláucia D. Elias
Docente do Campus Universitário de Abaetetuba/UFPA

DEDICATÓRIA

Dedico a todas as minorias, sobretudo aos que não têm outra alternativa de ascensão econômica, social e intelectual, a não ser pelo deleite dos estudos e apropriação do conhecimento científico. Dedico também aos familiares e amigos, que de maneira direta e indireta contribuíram para o resultado final deste seja através de conselhos, incentivos, conversas e paciência. Dedico também aos amigos e colegas de sala que em meio a correria do TCC e dos desesperos devido aos prazos inibindo atos criativos, tiraram minutos do seu tempo para ter conversas amigáveis e incentivadoras e, todos os demais que me suportaram nesses dias de agonia, ansiedade e tensão.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a minha mãe SONIA ROSA DE OLIVEIRA pelo incentivo e apoio de sempre, e em seguida a minha tia LEILA ROSAS que no decorrer dessa vida acadêmica me deu enorme apoio e amizade, sempre esteve comigo, mesmo estando distante o tempo todo.

Não poderia deixar de agradecer também a minha orientadora Profa. Dra. ELIANA POJO TOUTONGE por todas as incontáveis contribuições durante o trabalho de construção deste Trabalho de Conclusão de Curso, materializadas através de sua paciência e parceria.

A escola tem que se integrar com a pluralidade

(Vanessa Oliveira)

RESUMO

O presente estudo teve como objetivos: mapear as noções/visões dos alunos a respeito das relações campo-cidade, do espaço rural e urbano, retratar as dinâmicas interativas que se processam durante os percursos casa-escola e escola-casa que marcam suas trajetórias de vidas e a escolar de estudantes, no intuito de uma reflexão mais fundamentada sobre essas categorias. Como metodologia utilizou-se a abordagem qualitativa de pesquisa, tomando observações no lócus da pesquisa, utilizando-se para a recolha de dados: a entrevista com três alunas, conversas informais com moradores da comunidade Igreja Nova Glória e, substancialmente a vivência das viagens na lancha escolar fazendo o trajeto casa-escola e escola-casa. Aponta-se como possíveis resultados, que durante tal deslocamento ocorre não somente o ir e vir até a escola, mas ocorre processos de convívios, aprendizados, trocas, ocorre a organização das rotinas de seus pais/responsáveis e dos alunos levando em conta o horário da lancha escolar. Em suma, no processo de ir e vir entre o campo e a cidade pelo percurso escolar diário os estudantes tem a oportunidade de terem outras visões (educativas) dessas relações, que passam entre outras questões pela construção identitária que são estabelecidas durante o tempo que convivem, dentro da embarcação, inclusive com destaque aos relacionamentos que se dão com alunos residentes da cidade, com professores, com o condutor da lancha etc. Os estudantes aprendem uma forma de se relacionarem nos diferentes espaços, forma esta que se materializa em seu cotidiano, sem contar que seus próprios familiares transitam e se relacionam nos difentes espaços, campo e cidade.

Palavras-chave: Percurso escolar. Campo-cidade. Cotidiano.

ABSTRACT

The objective of the present study: was to map the students ' notions/views regarding the field-city, rural and urban relations, to Portray the interactive dynamics that are processed during the home-school and school-house pathways that mark their Trajectories of lives and school of students, with the aim of a more reasoned reflection on these categories. The methodology used was the qualitative research approach, taking observations in the locus of the research, using for data collection: The interview with three students, informal conversations with residents of the church Nova Gloria community and, Substantially the experience of trips in the school boat making the path home-school and school-house. It is pointed out as possible results, that during such displacement occurs not only the go and come to the school, but there are processes of gatherings, learning, exchanges, occurs the organization of the routines of their parents/guardians and students taking into account the timetable of the school boat. In short, in the process of coming and going between the countryside and the city through the daily school course students have the opportunity to have other (educational) Visions of these relationships, which pass among other questions by the identity construction that are established during the Time, within the vessel, including with emphasis on the relationships with students residing in the city, with teachers, with the driver of the speedboat etc. Students learn a way to relate in different spaces, a form that materializes in their daily lives, not to mention that their own relatives transit and relate in different spaces, countryside and city.

KEYWORDS: School Career. Camp-City. Daily.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I - TERRITÓRIOS E SUJEITOS DO CAMPO

1.1 Sobre o Território

1.2 Relações campo-cidade

CAPÍTULO II - VIDA, TRAJETÓRIAS E PERCURSOS ESCOLARES

2.1 Um pouco da vida das estudantes e de outros sujeitos

2.2 Reflexões com base nos diálogos com os interlocutores da pesquisa

2.3 Interações a partir das relações campo-cidade

2.4 Interações durante o percurso escolar

CAPÍTULO III – PERCEPÇÕES TRADUZIDAS EM MAPAS SOBRE OS PERCURSOS E ATIVIDADES LOCAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS

ANEXOS

INTRODUÇÃO

A relação campo-cidade¹ pode ser definida de maneira superficial como as diversas formas pelas quais a cidade e o campo mantêm contato frequente, e esta proximidade materializa-se pelas atividades realizadas entre estes, atividades de trocas, que culminam em uma interdependência.

A cidade e o campo, por séculos, foram compreendidos de forma dicotômica. O espaço rural era responsável pelas atividades agropecuárias, com a função de abastecer as cidades, enquanto isso, o espaço urbano era palco da produção industrial, do comércio e serviços. Isso se deve ao desenvolvimento do modo de produção capitalista, que gerou enormes transformações sócio espaciais como a divisão territorial do trabalho (ANDRADE et e al, 2014, p.167).

Entretanto essa percepção do rural limitado as atividades agropecuárias e até mesmo a um atraso de desenvolvimento material e intelectual constitui-se num modo de pensar ultrapassado e até com sentido preconceituoso, uma vez que o que existe atualmente e que não se concebeu recentemente é justamente essa ideia de complementariedade e interdependência desses polos. Trata-se de uma relação campo-cidade orgânica, complexa e bastante irradiadora de percursos dos sujeitos com trajetórias de vida que se processam no vai e vem por entre esses polos.

Na visão de vários autores, dentre estes a de Brandão (2006), grande parte do estreitamento de laços se deve as exigências capitalistas, uma vez que as atividades produtivas e produzidas por sujeitos do campo se adequam ao mercado consumidor da cidade, pelo que conhecemos como o processo de comercialização e, a cidade em contrapartida se abastece cultural e da produção do campo, sobretudo no que diz respeito a gêneros da agricultura, extrativismo e fabricação de seus produtos. Apesar dessa relação permanente ambos não podem ser vistos apenas como partes que se completam por um caráter produtivista, mas precisam ser complementares e integrativos como unidades autônomas e de reciprocidades que educam os sujeitos pela dinâmica cultural que se processa nesse intercâmbio, respeitando as especificidades existentes.

Significa dizer que o processo integrativo campo-cidade e cidade-campo abarca dimensões que vão além do meramente econômico, mas atinge o campo educacional por exemplo, uma vez que é real a existência do intercâmbio estudantil de sujeitos residentes do campo convivendo e experienciando o percurso escolar na cidade, ainda que o atendimento educacional tenha aumentado quantitativamente nos últimos anos, ele ainda não consegue

¹ Esta opção de imbricar os termos é escolhida tendo em vista que o lugar de análise da pesquisa é o movimento permanente entre campo e cidade, movimento no sentido da relação de troca entre tais polos.

atender a todas as demandas educacionais (atendimento de todos os níveis de ensino)² em todos os territórios desse país, até por conta da falta de priorização de uma educação no campo de qualidade socialmente referenciada. Essa questão é o cerne da pesquisa que buscamos traduzir os processos, abordagens conceituais e um pouco das vozes de sujeitos que realizam percursos escolares do campo à cidade, cito uma experiência com alunas da Escola Pinto Marques, sendo o resultado a produção deste Trabalho de Conclusão de Curso.

A ideia de percurso pode ser definida de acordo com o dicionário online como “trajeto, caminho; decurso. Diz-se da linha traçada por um veículo, ou por alguém que se locomove, ou da trajetória de um rio em seu leito”. No caso da pesquisa trata-se especificamente do percurso escolar dos sujeitos oriundos da área rural do município acaraense, que transitam diariamente entre dois territórios, do campo à cidade e vice-versa.

Como fora mencionado anteriormente, o estudo visa discutir sobre os principais elementos que perpassam a relação campo-cidade a partir dos percursos escolares que significam as trajetórias de vida de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Pinto Marques no município do Acará-PA. A escolha está no fato de que a referida escola atende uma quantidade significativa de estudantes matriculados oriundos do campo, residentes de áreas afastadas do centro urbano e, que utilizam o transporte escolar.

Cabe dizer ainda que a motivação pessoal por escolher o tema iniciou quando realizei observações que fiz e ainda faço no trabalho escolar, como servidora pública na escola a exatos cinco anos, a mesma escola que contribuiu com este estudo. Realizo atividades de apoio e, durante tais atividades algo que sempre despertou minha atenção, é o fato de que os alunos que não moram na cidade costumam ir ao refeitório, para lanche, bem antes do horário do recreio, e relatavam que a fome é motivada por um horário de almoço diferenciado, entre as 9 e 10 horas da manhã. Tal horário da alimentação é devido ao horário do transporte escolar que os mesmos utilizam para se deslocarem de suas localidades. Daí minha curiosidade em entender mais o processo que ocorre durante o percurso escolar, conhecer um pouco mais da realidade de estudantes que residem em contextos rurais, aprender um pouco sobre a relação existente entre campo-cidade, questões que culminaram com a pesquisa. Trata-se de estudantes que para concluírem a Educação Básica utilizam o transporte escolar.

² Em uma visão geral a escolarização ocorre sob o ensino multissérie. “Essas escolas reúnem estudantes de várias séries e níveis em uma mesma turma, com apenas um professor responsável pela condução do trabalho pedagógico, sendo, portanto, unidocentes e diferenciadas da grande maioria das escolas urbanas, onde os estudantes são enturmados por série e cada turma possui o seu próprio professor” (HAGE, 2014, p.1173).

A situação pela qual esses alunos vivenciam vai de encontro à lei que orienta a educação nacional, especialmente as diretrizes das escolas do campo, uma vez que esta enfatiza que é direito de todos os estudantes, a igualdade de acesso e permanência na escola, inclusive com garantia de que possam estudar próximo de suas residências, mas como não há, eles recorrem ao contexto urbano para estudarem. Na maioria das vezes eles estão imbuídos de que precisam experienciar em sua trajetória de vida a busca por novos conhecimentos, e essa busca materializa-se em viagens diárias, por vezes, longas e cansativas. Ou seja, os interessados em continuar os estudos são obrigados a deslocarem-se até uma escola da cidade, ocupação com o deslocamento que somado ao tempo de ida, mais o tempo na escola e o tempo de volta para casa, gastam em torno de até duas horas e trinta minutos, tempo diário ocupado somente por essa atividade.

No caso da escola pesquisada, ela atende o nível Fundamental I e II, assim como a EJA, e 30% dos alunos que estudam nessa escola são oriundos da área rural segundo informações fornecidas pela instituição, entretanto segundo o próprio vice-diretor da escola essa particularidade da escola não é aprofundada no PPP da escola, cuja última atualização ocorreu em 2010.

Segundo informações da escola, localizada no bairro central da cidade, a mesma atende atualmente 874 alunos do Ensino Fundamental menor (1º ao 4º ano) e o fundamental maior (5º ao 9º ano) e, para o funcionamento conta com 83 funcionários, destes 46 são professores e os demais são profissionais de apoio, segurança, coordenadores pedagógicos e o gestor. Possui uma estrutura de escola de médio porte, com 14 salas, um laboratório de informática desativado, servindo como sala da coordenação pedagógica, uma diretoria, uma biblioteca, uma secretaria, uma diretoria e quatro banheiros.

Durante o percurso escolar, além de algumas dificuldades outras dinâmicas positivas também são extraídas desse processo, há aprendizagens, Inter trocas entre os envolvidos, afinal durante as viagens na lancha escolar estão indivíduos em busca de melhores condições de vida e existência, alunos que trazem uma bagagem cultural do seu lugar, materializada pelos saberes e práticas, são circuitos de relações e interações que farão/fazem parte de sua trajetória de vida, tanto entre os alunos que se relacionam entre si, quanto com o condutor do transporte, e também uma relação destes com os dois espaços, rural e urbano. Somam-se ainda, os círculos de convívio que se dão em sala de aula a partir disso, da relação campo-cidade pela mediação dos sujeitos com suas histórias, saberes e experiências.

Somam-se ainda, as expectativas e incentivos dos pais e/ou responsáveis sobre os filhos que vivenciam a experiência desse vai e vem diário, além do planejamento que envolve

o deslocamento, é processado um planejamento familiar que envolve o tempo de almoçar, a ajuda em casa, diz respeito também as atividades domésticas que devem ser feitas sob o olhar atento ao horário, assim como o horário do condutor da lancha escolar. Há ainda, por parte dos pais, todo um ritual de cunho educativo para com os filhos que vão na direção de serem educados, respeitarem a todos, são os aconselhamentos e orientações dos seus responsáveis.

Tomando os percursos escolares dos estudantes, as relações campo-cidade e as experiências de vida dos estudantes esta pesquisa orienta-se por mapear as noções/visões dos alunos a respeito do espaço rural e urbano, da ideia de campo e cidade, estimulando o debate sobre a temática em evidência de forma que seja possível aos alunos relatarem como é o lugar e como se apresenta os percursos casa-escola e escola-casa; estudar tais conceitos (rural, urbano, campo, cidade) no intuito de aprender um pouco mais e fazer uma reflexão mais fundamentada sobre essas categorias e, ainda, observar e reconhecer algumas características dos percursos de vida (suas trajetórias) e escolar de estudantes.

Assim, partindo de muitas inquietações busca-se conhecer um pouco mais a realidade dos alunos residentes no campo, que estudam na área urbana e têm rotineiras vivências escolares; de sujeitos que interagem com a cidade; de sujeitos que praticam relações com a comunidade local e social campo-cidade, e de que forma estes se relacionam com tais espaços, e o compreendem.

Aspectos metodológicos da pesquisa e da vivência do trabalho de campo

O estudo assenta-se na abordagem qualitativa de pesquisa. Esta perspectiva é devido a aproximação exigida do pesquisador com o objeto de estudo no sentido de compreender os processos, acompanhar os percursos do ir e vir até a escola dentro de um transporte escolar. Por isso as observações no lócus da pesquisa consistiu em realizar juntamente com os alunos que moram no campo o trajeto escola-casa, casa-escola durante uma semana na lancha escolar e, substancialmente durante estas viagens foi possível conhecer um pouco mais da vida escolar e da vida das alunas bem como entender melhor sobre uma comunidade rural, cito Igreja Nova Glória, município de Acará-PA.

Os estudantes residentes desta localidade deslocam-se de lancha escolar³, destinada a atender alunos que residem em áreas longínquas deslocando-se até a cidade. Destaca-se que os moradores contam também com uma escola existente na comunidade, que atende nos níveis do Ensino Fundamental menor e na educação infantil.

³ A mesma é fornecida pelo PNATE - Programa Nacional de Apoio ao Transporte Escolar, do governo federal.

A comunidade possui o mesmo nome de uma igreja evangélica da redondeza. Trata-se de uma localidade que seus moradores mantêm uma relação de proximidade com o centro urbano mesmo sendo distante, cerca de duas horas e meia de viagem. Vale ressaltar que o único meio de locomoção dos moradores são os transportes aquáticos.

A comunidade apresenta-se com um modo de vida peculiar, na qual os moradores são dotados de saberes do seu lugar e receptivos com as pessoas que chegam. Eles vivenciam na igreja e no trabalho da roça, suas principais atividades do dia, com destaque para as atividades agrícolas de subsistência, ou seja, sua base é a agricultura familiar.

Especialmente do autor, educador e antropólogo (BRANDÃO, 2007)., foi possível apreender seus estudos acerca do trabalho de campo. O autor destaca como uma das principais premissas para um exercício utilizando recursos da etnografia, a aproximação com os sujeitos cujo fazer em campo requer um jeito vagaroso, artesanal e de inserção mais aprofundada na comunidade investigada, de forma que se alcance aos poucos adeptos à investigação e, desta forma, se obtenha resultados satisfatórios da mesma. Ressalta ainda que, é preciso estabelecer uma vivência e convivência, estabelecer um laço afetivo e de confiança entre pesquisador e pesquisado fazendo notar quão importante um trabalho de campo de aprendizagem para os envolvidos para que os objetivos propostos sejam atingidos com excelência. Sobre essa questão, Brandão nos diz:

O trabalho de campo, a pesquisa antropológica, para mim, é uma vivência, ou seja, é um estabelecimento de uma relação produtora de conhecimento, que diferentes categorias de pessoas fazem, realizam, por exemplo, antropólogo, educador, e pessoas moradoras de uma comunidade rural, lavradores, mulheres de lavradores, pequenos artesãos, professoras das escolas e assim por diante (2007, p.12).

No caso do presente estudo, foi iniciado com uma apresentação e discussão do objeto de investigação e seus objetivos com a gestão escolar sobre a pesquisa, sendo que minha primeira aproximação com os sujeitos-estudantes se deu no dia 12 de abril. Na ocasião fui até a sala de aula, com os documentos autorizativos em mãos, me apresentei para as alunas, conversamos, e em seguida expliquei sobre o motivo que me levou a procurá-las, ou seja, saber um pouco de suas histórias de vida e dos percursos escolares até então, assim como saber suas histórias de vida, na ocasião, as entreguei termos de consentimento para que fossem levados para que os pais assinassem. Em outra semana desse mês, após aguardar o término das aulas das três alunas que pertencem à mesma localidade, as convidei para me acompanharem até o refeitório da escola para um diálogo, cuja conversa foi dirigida com leveza e tomando um roteiro de perguntas previamente elaborado, focado nas questões da pesquisa. Em diálogo com as participantes ficou acordado o uso de pseudônimos, assim identifiquei-as como Cora, Coralina

e Vitória. A escolha por estas alunas deu-se em virtude de elas fazerem o movimento diário campo-cidade para estudarem na referida escola, por percorrerem uma longa distância, tanto na ida quanto na volta da escola.

Cabe ressaltar que além das entrevistas com as três protagonistas que realizam o percurso, estas participaram de um registro através de mapas e desenhos apresentando suas visões sobre o contato diário com a cidade, materializado na ida a escola, assim como atividades que costumam realizar quando estão no lugar em que residem.

A entrevista na visão de Lüdke e André (1983) é uma oportunidade de estabelecer uma mínima “interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde” (p.33). Durante o tempo desses diálogos foram utilizados um gravador e uma câmera fotográfica na busca de apurar outros dados relevantes da pesquisa, principalmente quando do acompanhamento dos percursos junto dos alunos em partes específicas da área rural.

Embora de modo prematuro, os dados da pesquisa foram recolhidos a partir de visitas *in loco* com observação direta e também, por meio de entrevistas, com destaque aos diálogos com moradores da comunidade. Cabe informar que os dados aqui empreendidos computam uma semana de observações *in loco* ocorrido no período de 23 a 28 de maio de 2019, com visitas a comunidade e na escola, mais as viagens no transporte escolar⁴. As observações fixaram basicamente nos percursos até a escola e vice-versa. Segundo Lüdke e André (1983, p.29) “A preocupação é não deixar totalmente claro o que pretende, para não provocar muitas alterações no comportamento do grupo observado”, e os indivíduos desta forma não procedam a um cotidiano forjado, mascarando de certa forma elementos importantes da realidade vivida.

Para os registros de informações, relatos e fragmentos de conversas informais o diário de campo foi útil, pois é um “instrumento desenhado para assegurar o desenvolvimento de uma conduta reflexiva e para evitar subordinação da prática à teoria” (LE COGUIEC, 2016, p.31).

Assim, sua utilidade possibilitou fazer anotações que iam além do conteúdo das respostas obtidas a partir dos questionamentos, mais outras informações, impressões, saberes da comunidade, colhidas no decorrer da estadia em campo, sendo os espaços das casas, das paisagens do lugar, os gestos e falas das pessoas, os modos de relacionamentos, suas posturas etc. os mais variados hábitos cotidianos que fazem parte da rotina dos moradores e, que justamente por fazerem parte e terem sido preservados e repassados pelas gerações passadas passam despercebidos por eles, como a fabricação da farinha para comercialização e consumo,

⁴ Durante esta semana de viagem eu fui acolhida por moradores locais, que me ofereceram um abrigo em suas casas e, assim pude ficar a noite, compartilhando assim comigo, sua alimentação e teto.

o plantio até a venda na cidade. Este saber foi bastante ressaltado durante os diálogos com responsáveis dos alunos, por fazer parte da vida deles.

Ainda, como parte da construção da pesquisa, foi rica a contribuição de autores que discutem a temática, essa relação imbricada campo-cidade, os percursos escolares e a ideia de território rural, cito: Brandão (2007), Jacinto e Mendes (2012), Santos (1999), Godoi (2014) entre outros.

Ademais, foi imprescindível fazer um apanhado geral do conjunto de relações que são estabelecidas na prática social pelos sujeitos do lugar (trabalho, composição familiar, linguagem, manifestações e hábitos, rituais) na tentativa de apreender a maneira que elas se dão, como é o contato diário dos sujeitos do campo com a cidade, especialmente a visão dos estudantes, mais a dos barqueiros e familiares, buscar saber dos protagonismos existentes no movimento de ida e volta pelos sujeitos na perspectiva de compreender um pouco mais da relação do campo-cidade pelas vozes e visões de estudantes do Ensino Fundamental da Escola Pinto Marques, utilizando-se a visão mais totalizadora e de aprendizagem da e na pesquisa, assinalada pelo autor.

A aproximação com os sujeitos é indispensável na pesquisa de campo, para tanto, de posse do documento de consentimento da pesquisa em mãos, a empreitada na sequência foi encontrar o principal responsável pela lancha escolar, o condutor, que a partir deste momento é identificado pelo pseudônimo de “Miguel”. “Nessa etapa inicial também estão incluídas as primeiras observações, para que seja adquirido maior conhecimento sobre o fenômeno e possibilitar a seleção de aspectos que serão mais sistematicamente investigados” (LUDKE e ANDRÉ, 1988, p.03).

O contato inicial com o condutor da lancha no local onde fica atracada aguardando os alunos saírem das escolas quando retornam para a localidade, foi percebida com uma certa desconfiança, pois ele encarou a pesquisa com certo estranhamento, sobretudo pelo fato de achar que seu trabalho está sendo vigiado, mas logo ele compreendeu, e ficou à disposição para conceder informações.

As estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental e residentes da comunidade como já informamos anteriormente, são: Coralina tem 13 anos, mora com os avós e um primo. Cora também tem 14 anos e é irmã de Vitória, ambas moram com os pais e uma irmã. As três utilizam diariamente a lancha escolar e, durante esse tempo que passam na cidade, têm os mais diversos tipos de relação, não só com o meio urbano em si, mas especificamente com a dinâmica da cidade, com pessoas, participam de interações variadas, que em se tratando do percurso escolar, começa ainda na lancha.

Como servidora o contato diário delas, através de conversas breves e sorrisos escancarados, também pela disponibilidade delas, algo que me motivou ainda mais a aprofundar o estudo deste tema. Nesses momentos já ouvia suas rotinas e causos. Elas colocaram-se disponíveis, ajudando com informações sobre os horários de saída da lancha, convidavam para conhecer a localidade onde moram, entre outros. Esta aproximação ocorreu com as alunas e também com os demais estudantes que faziam o percurso na mesma lancha escolar, eles sempre me questionavam se naquele dia o percurso na lancha escolar seria feito.

Este trabalho focalizou o percurso escolar, iniciado desde a lancha escolar. Ele está dividido em três capítulos principais, além da Introdução e Considerações Finais. No primeiro capítulo, a ênfase são alguns conceitos acerca do território, considerando a dimensão humana e material deste, e toda a construção social que permeia tais territórios. Ainda neste capítulo são iniciadas as posições acerca das relações cidade-campo, inclusive com destaque as visões dos residentes do campo sobre essa relação, ou seja, a maneira que estes costumam se relacionar diante desse movimento constante de trocas e interações dos sujeitos com o campo e a cidade.

No segundo capítulo é apresentado o detalhamento das observações realizadas retratando o percurso escolar na lancha no trajeto estaleiro beira-rio-Igreja Nova Glória, Igreja Nova Glória - estaleiro beira-rio e porto do centro da cidade - Igreja Nova Glória”, também a entrevista com as protagonistas da pesquisa e um pouco das histórias de suas vidas.

No Capítulo três, de modo sequenciado, dar-se continuidade ao debate agora sob a perspectiva dos participantes, sendo destacado o detalhamento do percurso escolar na lancha no trajeto escola-porto, porto da cidade-comunidade Igreja Nova Glória, comunidade Igreja Nova Glória -“estaleiro beira-rio” com base em opiniões de moradores e alunas e, ainda reflexões a partir dos mapas e desenhos produzido pelas estudantes.

Nas Considerações Finais são trazidas algumas impressões que apontam os primeiros resultados desse estudo acerca das aprendizagens, processos e interações que se dão durante o percurso escolar e, que de algum modo converge para a reflexão da dimensão campo-cidade.

CAPÍTULO I - TERRITÓRIOS E SUJEITOS DO CAMPO

1.1 Sobre o Território

A partir de inquietações e também pela necessidade de se conhecer a realidade dos alunos residentes no campo, que estudam na área urbana e têm rotineiras vivências escolares e de sujeitos que interagem com a cidade; praticam relações com a comunidade local e social campo-cidade. Assim, o intuito deste capítulo é trazer uma reflexão a respeito do território, suas diferentes definições, o lugar onde esses indivíduos residem, suas visões do rural e do urbano, assim como de que maneira estes se relacionam com tais espaços.

As principais reflexões relacionadas aos indivíduos que moram no campo e suas especificidades buscam significar o território com base em conceitos, atribuições e como ele está relacionado às práticas sociais, suas formas de organização social e os saberes locais. Nesses termos, e pegando como base os conceitos trazidos por Godoi (2014) o território não pode e nem deve estar associado tão somente a uma porção delimitada de terra, mas sim a um conjunto de práticas, saberes e sujeitos, visões de mundo a partir do cotidiano nos territórios.

No caso do município onde se processa a pesquisa, identificada como Acará⁵ trata-se de uma cidade essencialmente rural, isso porque tem atualmente a maior parte dos seus munícipes residindo na área rural e seu principal capital comercial vem de atividades relacionadas ao campo. O município é banhado pelo rio Acará, e este rio funciona como um dos principais meios para que a população rural acesse o centro urbano diariamente através dos transportes fluviais, no entanto quando se trata de povos que residem em estradas e ramais o acesso também se dá de ônibus, motos, carros de passeio, bicicleta e afins.

De acordo com o histórico⁶ da cidade, presente no site oficial da Prefeitura municipal de Acará, a extensão territorial do município foi descoberta e habitada no momento em que os colonizadores portugueses ocupavam-se em buscar riquezas explorando territórios paraenses, e utilizavam como via os próprios rios, e não demorou para que começasse a navegar pelo rio Acará, e nesses tráfegos observaram a fertilidade da terra, assim como sua abundância de madeiras de lei.

Diante de tais condições os colonizadores se instalaram no município, e aos poucos foram colonizando o local, que futuramente se tornaria a sede do município de Acará. No ano de 1758, o Governador do Grão Pará (atual estado do Pará) e Maranhão, Francisco Xavier de

⁵ Município brasileiro do estado do Pará, pertencente à microrregião de Tomé-Açu.

⁶ Fonte: <http://acara.pa.gov.br/o-municipio/historia>

Mendonça Furtado, identificou aquele povoado de freguesia e sob a invocação de São José, o município acarajense passa então a se chamar São José do Acará, onde hoje é sede municipal. Este nome permaneceu por longos anos, todavia em 1833 por conta da divisão do Estado em termos de comarcas, São José de Acará ficou pertencendo à comarca da capital.

Vale situar que a configuração de São José de Acará como município se deu dentro dos alcances da própria Lei Provincial, que outorgou sua elevação à categoria de Vila. A designação Acará, nome atual do Município advém de uma expressão que significa: “aquele que morde”, uma referência direta aos peixes dos rios de água doce, sobretudo, do rio Acará.

Destaca-se que a composição da cidade, assim como da sua cultura foi se dando através da contribuição de vários povos, dentre estes os indígenas, quilombolas, portugueses, que durante suas mudanças de território, em busca de melhorias e também fugindo de conflitos territoriais chegaram em Acará e construíram famílias e tornaram este, um local de morada.

Sobre o território Godoi (2014), uma renomada estudiosa das relações territoriais afirma:

O território toma forma não só por meio da inscrição no espaço físico, mas com as narrativas, pois ele também é organizado discursivamente, sobretudo, quando se trata de territórios de povos para os quais a tradição oral ancorada na memória social tem um peso importante, como os estudados por nós, antropólogos (2014, p.10).

A autora enfatiza ainda, que a discussão a respeito do território não deve limitar-se tão somente a dimensão material, uma vez que este tem múltiplas dimensões, entretanto, essa mesma dimensão não deve ser ignorada, pois a organização de sociedade que temos atualmente também decorre da estruturação e articulação do território material que foi articulando-se de acordo com o tempo histórico, e necessidade humana.

O território também é visto como um campo de poder, principalmente no que se refere as relações jurídico-políticas, é esse poder exercido pelo Estado que controla e decide os rumos a serem tomados para que sejam alcançadas melhorias para o todo, assim como a priorização dos menos favorecidos que é materializado pelas políticas públicas vigentes, através do poder estatal. O Estado busca manter sua hegemonia e controle dos espaços, todavia esse controle nem sempre é de forma pacífica, a exemplo da atual demarcação de terras indígenas, na qual são deixados de lado, todas as tradições indígenas em cuidar da terra, saberes, hábitos, sua cultura de modo geral, estas demarcações estão sendo feitas e com o apoio de boa parte dos seres que são favoráveis ao sistema político atual, sob a alegação de que grande parte dos territórios ocupados por esses indivíduos, poderia está sendo utilizado para fins econômicos.

Godoi (2014) é categórica ao afirmar que “de fato, a dimensão política e as relações de poder são muito importantes na compreensão de territorialidades específicas e, por

consequência, do território” (p.10) mas novamente o território não pode ser restrito a esta dimensão, pois pensar a amplitude do território político de forma limitada, é desconsiderar a amplitude deste termo e suas múltiplas dimensões, e formas de atuação no meio, é como se a atuação política fosse representada somente pelos estados, todavia, é a junção das dimensões políticas, jurídicas, estatais e administrativas que induzem a ideia e disseminação de pensar o território enquanto campo conceitual referente a dimensão territorial do Estado-nação.

É fato que o controle do Estado-Nação sobre os territórios provocou uma série de questões, como no momento da formação de diferentes territórios promovida por este, na qual classificou os segmentos da população em áreas isoladas, à margem das cidades, o que de certa forma promove uma exclusão dos povos e, essa reorganização deslegitima tudo o que havia sido construído até então, a ordem natural de ocupação dos territórios e também desconsidera o histórico da construção territorial. Sobre isto, Godoi nos diz:

Quando falamos em não reconhecimento de múltiplas territorialidades e da deslegitimação delas por parte do Estado, isso implica em não reconhecimento de direitos sobre um espaço de vida e trabalho, produzindo o que muitos autores qualificam como processos de desterritorialização (2014, p.11).

O que muitas vezes acontece é que em nome do desenvolvimento local e nacional e com o discurso de que a construção de uma grande empresa vai trazer melhorias para as minorias desassistidas, geração de empregos e qualidade de vida e sobrevivência, a população é convidada a se retirar do local onde mora, juntamente com sua família e comunidade, na qual já estão com saberes enraizados, onde vivem e produzem sua vida no lugar a exemplo dos aldeamentos indígenas, e tudo em nome do progresso, neste caso em específico a construção da usina de Belo Monte, no Pará.

A incorporação do novo, as políticas públicas, as delimitações legais sobre o ambiente, incorporadas através de modelos externos às realidades locais, são alguns dos problemas enfrentados por essas populações, que perdem ou veem transformados seus territórios, suas práticas cotidianas e seus conhecimentos tradicionais (BRANDÃO, et al, 2006, p.06).

A aceitação não é imediata por parte dos povos, até porque a resistência é necessária diante do poder impositivo, e nessas lutas quem perde sempre são os que estão lutando tão somente pelo direito de preservar seu território e cultura, ou seja, em nome do “progresso”, a exemplo dos povos que moravam a margem do rio Xingu, por exemplo, pescadores, indígenas foram remanejados e obrigados a abrir mão de seu local de moradia, e os que permaneceram sofrem com os problemas ambientais diários que afetam toda a dinâmica de sobrevivência do local.

Uma questão que fica fora dos entendimentos do Estado, no que se refere a territorialidade, são as dimensões sociológica e simbólica, o que faz com que este ignore os

diversos tipos de territorialidades, que são regidos, segundo Godoi (2014) pelas lógicas do pertencimento e parentesco. O sentimento de pertencimento é também algo que motiva os diferentes povos e/ou grupos a lutarem pelo direito de preservar seus territórios, ou seja tudo que é produzido e mantido na realidade local, seu lugar de origem e vivência. De acordo com a autora:

Contemporaneamente, o confronto entre distintas territorialidades expresso, dentre outras maneiras, pelas pressões sobre o território de populações que pautam a construção de seus espaços de vida por lógicas distintas da hegemônica levou à organização dessas populações, com o apoio de mediadores como organizações não governamentais, igrejas e sindicatos forçando o Estado a reconhecer dentro do seu marco legal a existência de territorialidades específicas (2014, p.12).

Mesmo com um Estado insistindo em privilegiar a formação do território somente de sua perspectiva, ele é ao mesmo tempo pressionado a reconhecer as diferentes territorialidades, respeitando assim suas especificidades e ordem natural de constituição dos diferentes povos.

Algo que também acontece em determinados momentos históricos é o fato de que por conta de situações cotidianas, membros de determinados grupos, a exemplo do povo do campo, por conta de necessidades de aproximação com o “desenvolvimento urbano” motivadas pela busca de emprego e melhores condições de vida e existência, migram para esses espaços, entretanto sua identidade e território não são perdidos, este último, na verdade é ampliado.

A adaptação a este novo território nem sempre é imediata, o que faz com que estes, voltem ao local de origem, pois o trabalho enquanto ocupação para manter a subsistência da família é escasso, assim como a possibilidade de adequação as atividades urbanas, é vista com certo estranhamento. Todavia para os que conseguem se adequar ao novo espaço e estabelecer vínculos sociais e materiais, essa mobilidade é segundo Godoi estratégica, e além de ser estratégica para a reprodução dos grupos que vivem, por exemplo, em uma terra escassa, é ao mesmo tempo estrutural e acompanha todo o processo de transformação da sociedade.

Outro ponto necessário a ser enfatizado é que não são todos os grupos sociais que saindo de seu lugar se sentirão pertencentes ao local de destino, pois o lugar nessa perspectiva ainda é mais importante, sobretudo para que estes se organizem socialmente, construam e preservem sua identidade, a autora complementa dizendo que “nesses casos, lugar e pertencimento se recobrem; mas é bom enfatizar que o território, antes de se exprimir por uma ligação a um lugar particular, é uma relação entre pessoas e se refere à organização do espaço carregada de história” (2014, p.13).

Nesses termos, tal pesquisa consiste em mapear, e acompanhar os percursos escolares e conhecimentos de vida de estudantes camponeses com idades entre treze e quinze anos, que migram dos seus territórios de origem e moradia em busca de formação escolar, tendo em vista

que a educação no campo, ainda é precária não atendendo as escolas todos os níveis de ensino, fazendo com que os estudantes migrem até a área urbana da cidade, na perspectiva de melhoria de vida, para si e para sua família, tendo em vista que o campo é na maioria das vezes desassistido pelas políticas públicas educacionais efetivas. Como afirma o autor Godoi, eles não se deslocam totalmente, ficam lá e cá, transitam nos espaços, transitam suas aprendizagens, transitam nos tempos de ir e vir diariamente. São os percursos que formam e contornam visões de mundo que tais sujeitos vão aprendendo nesse movimento de migração e de viverem as territorialidades.

Um outro autor, o geógrafo Milton Santos (1999) enfatiza que o território não foi pensado da maneira que deveria, ou seja, em sua totalidade e como algo que está sempre em constante mudança e aperfeiçoamento. Para este autor, é

O território que constitui o traço de união entre o passado e o futuro imediatos. Ele tem de ser visto – e a expressão de novo é de François Perroux – como um campo de forças, como o lugar do exercício, de dialéticas e contradições entre o vertical e o horizontal, entre o Estado e o mercado, entre o uso econômico e o uso social dos recursos (1999, p.19).

Desta forma o território pode ser observado sob uma perspectiva unificadora, ou seja, a unidade entre o agora e o que está por vir, como um campo não só de conflitos, mas de reflexão constante.

Existem algumas barreiras que tendem a dificultar a relação harmoniosa entre os grupos sociais e suas localidades, fazendo com que os indivíduos não se sintam representados pelo polo oposto, a exemplo na relação campo-cidade. Labache (2008) chama esses limites entre um território e outro de fronteiras, estas costumam separar, os grupos sociais, entretanto, são mais simbólicas que materiais, as fronteiras delimitam os contornos das categorias sociais (a participação desigual dos indivíduos na vida social) e, por outro, abrem espaços de troca e de encontro para que as classes se comuniquem entre si, ou seja, mesmo que através da barreira existente os respectivos polos ainda fazem trocas.

As fronteiras separam o “nós” do “eles” e interrompem, circunscrevem ou produzem segregações na distribuição de populações ou de atividades dentro das sociedades. Essas fronteiras não são dadas, constroem-se, ultrapassam-se e desconstruem-se no tempo e com o tempo. Enquanto algumas já antigas são frequentemente estabilizadas, outras, mais recentes, podem ser mais flexíveis e são mais frequentemente questionadas (LABACHE, 2008, p.335).

Essas barreiras não são definitivas e tendem a desconstruir-se com o passar dos anos, dito isto, Milton Santos (1999) traz a ideia de que as relações, tanto de trabalho quanto sociais, estão de modo geral, cada vez mais dependentes. A cidade abriga uma parte significativa dos empregos agrícolas, logo, temos hoje no país mais atividades e empregos agrícolas que

essencialmente rurais, desta forma não é a cidade o lugar do início da iniciativa do capital, mas sim o campo, uma vez que o campo é substancialmente importante no processo de produção e distribuição dos produtos, ou seja, atua diretamente no controle e distribuição, sobretudo de alimentos dos quais os centros urbanos dependem. Desta forma a cidade atua como mediadora, tanto do processo técnico da produção, como das outras etapas. O campo também é obrigado a fazer algumas adaptações, estas servem para que este possa aprimorar-se e seguir o curso “natural” do movimento provocado pela globalização, de acordo com Milton Santos:

O rural submetido às leis da globalização convoca os participantes do trabalho rural a uma atitude de subordinação a essas normas, porque sem obediência a estas eles serão excluídos. Assim, a primeira coisa que o agricultor de uma área moderna terá de fazer, se quiser sobreviver, é obedecer, como num exército, à palavra de ordem (1999, p.24).

A adequação a esse sistema também é feita para a manutenção do território, que neste caso o campo, no desejo de sua sobrevivência a partir dos estímulos, se prestam a cumprir a ordem estabelecida, é de certa forma uma relação de respeito mútuo, para que o desenvolvimento e relação de troca se mantenha. O município de Acará tem uma relação direta com o campo essencialmente pela agricultura e por suas águas. Por exemplo, o açaí que faz parte da alimentação diária das famílias acaraenses é trazido por produtores rurais para a venda na feira da cidade, e os batedores⁷ se apressam para chegarem cedo à feira, na certeza de que quanto antes chegarem, comprarão o açaí de melhor qualidade. A cidade se adequa ao campo, pois é comum se ver logo ao amanhecer do dia os produtores rurais chegando para suas vendas na feira, e os compradores/revendedores também chegam cedo, ou seja, essa relação econômica é permanente e integrada ao espaço-tempo campo-cidade porque as atividades agrícolas de modo geral, e o trânsito de ir e vir até a *urbis* é parte da rotina, do cotidiano e da vida dos acaraenses.

Recapitulando, a migração feita pelos estudantes é também parte da territorialidade vivida pelos acaraenses, e as fronteiras existentes mesclam às práticas sociais exercidas pelas pessoas que transitam na cidade e no campo. No entanto, a relação campo-cidade é mais simbólica que material, uma vez que o campo, mesmo que de forma bem implícita ainda carrega o estigma, de ser o local com pouco desenvolvimento, de dificuldade de acesso e de desprovimento no que diz respeito às políticas públicas, embora no município de Acará a relação campo-cidade seja de complementariedade, em muitas situações, uma vez que a cidade depende, sobretudo das produções agrícolas para manterem a rotação do capital, em ambos os espaços. E a própria migração e trânsito campo-cidade e vice-versa dos sujeitos (estudantes e

⁷ São as pessoas que extraem a polpa do açaí e a comercializam, normalmente em suas residências.

moradores em geral), dão solidez ao aspecto cultural da cidade em sua organização e territorialidade.

No tópico seguinte, o destaque é para algumas reflexões a respeito das relações estabelecidas entre o campo e a cidade, começando pela maneira em que o campo se constituiu, e de como ele sempre foi pensado de maneira estigmatizada, por conta da importância atribuída a cidade. A partir dos conceitos trazidos faz-se necessária uma reflexão sobre os percursos de vida postos na localidade, percursos que abarcam muitas vivências, devido as pessoas que nasceram e cresceram na localidade “ Igreja Nova Glória”, pessoas que vivem da subsistência posta, ainda, pelo mundo rural e. que em determinados momentos recorrem ao centro urbano da cidade para sanar alguma carência, que não pode resolvida no campo, como o processo de escolarização, a negociação e comercialização da produção no mercado consumidor – feira livre e outros canais, para resolverem pendências de documentos etc.

Dessa dinâmica campo-cidade, se põe a trajetória de vida das alunas, participantes desta pesquisa, as quais protagonizam suas histórias, incluindo nelas a opção de frequentar a cidade, para prosseguirem seus estudos.

1.2 Relações campo-cidade

A concepção do campo, tal qual se tem hoje foi concebida graça aos movimentos sociais em meados do século XX, pondo como referência à identidade e cultura dos povos do campo, povo que resistem em preservar seus aspectos culturais e valorizar a terra, ou seja, eles tem consciência de uma existência e sobrevivência integrada ao campo.

No entanto, o campo além de modificações conceituais também sofreu diversas mudanças materiais, decorrentes das adequações ao sistema capitalista.

Esse processo gerou uma extraordinária migração rural, por meio da expulsão de 30 milhões de pessoas, entre 1960-1980, sendo que 16 milhões migraram somente na década de 70, esse processo de transformação da sociedade moderna durou pelo menos 300 anos na Inglaterra e 200 anos nos EUA, o impacto social foi a extrema concentração urbana, emprego e violência, o impacto econômico foi a implantação do parque industrial brasileiro (FERNANDES et al, 1999, p. 28).

Mas, nem tudo é caos. Houve contribuições boas, e outras nem tanto, nesse caso os trabalhadores da agricultura resistem com suas culturas e modos de vida em contextos rurais, embora os ditames do sistema. Houveram situações de alta produtividade para uns, para outros veio o desemprego e, ainda para outros que se aliaram aos movimentos sociais ficou a luta ainda vigente, por terra, dignidade e direitos sociais, a exemplo, os trabalhadores sem-terra.

Vale reiterar que a luta por terra sempre esteve para diferentes territórios rurais e, ainda hoje é parte das relações que se processam no movimento campo-cidade.

Nesse sentido, assim como a cidade depende do campo e media a relação de sua produção com o mundo, o campo ocupa uma posição também de dependência e reciprocidade, logo ambos têm uma relação mútua, de trocas. Na cidade são pensadas e aperfeiçoadas as principais técnicas e estratégias de produção e desenvolvimento das tecnologias, assim como a produção científica do conhecimento, na cidade também se concentra a maior parte do mercado consumidor, o que faz com que o campo tenha que se adequar as demandas de consumo do centro urbano, traduzindo no que Milton Santos (1999) intitula de uma relação cidade-campo mutante e em devir, por isso a definição de campo tende a mudar, pois essa definição sempre acompanha a perspectiva nacional e global.

Assim, atualmente a agricultura está conecta com as barreiras e potenciais do campo e da cidade, resultando na atualidade o que Jacinto nomeia de uma “unidade contraditória” que corresponde a:

Uma unidade onde a diferença entre os setores da atividade econômica (agricultura, pecuária e outros, em um; indústria, o comércio, etc., em outro) vai sendo soldada de um lado pela presença, na cidade, do trabalhador assalariado (boia-fria) do campo. (...) de outro lado, pode-se constatar que a industrialização dos produtos agrícolas pode ser feita no campo com os trabalhadores das cidades. Tudo indica que o desenvolvimento do capitalismo está soldando a união contraditória da agricultura e da indústria, do campo e da cidade, que ele mesmo separou no início de sua expansão (JACINTO et al, 2012, p.174).

Um outro aspecto que conecta o campo-cidade são as práticas rurais no contexto urbano, aquelas realizadas por famílias de baixa renda e/ou moradores que antes eram do campo e, se mudaram para a cidade por algum motivo, no entanto trouxeram práticas do campo, a exemplo: o cultivo e colheita de frutas e legumes nos quintais, a prática da pesca no rio ou até mesmo a produção da roça, que costuma ficar em uma área afastada do centro. São práticas rurais que contribuem com a renda diária dos que praticam, que estimulam o uso de produtos orgânicos e, são práticas sustentáveis de cuidado da natureza, ainda que os que fazem não tenham tamanha clareza. São sujeitos que preservam boa parte de sua identidade do campo.

Também, ter uma agricultura no urbano do modo citado anteriormente, segundo este mesmo autor oferece outras vantagens, tais como ele elenca:

Geração de renda e alimentos mais baratos, Trabalho para adolescentes e desempregados, mais segurança alimentar, reciclagem do lixo orgânico e doméstico, absorção da água e reciclagem das águas pluviais e menos enchentes, atividade ocupacional – proporciona ocupação de pessoas, evitando o ócio, contribuindo para a educação social e ambiental, melhoramento do meio ambiente e estética, prazer em cultivar e criar e outros benefícios (JACINTO et al, 2012, p.183).

Associado a tal prática, ainda temos a evidencia de que “O Brasil é um exemplo de país onde é definido como urbana, as sedes distritais com algumas centenas de casas”, todavia é

importante ressaltar que não é porque existe uma aglomeração urbana com o mínimo de serviços que esta pode ser chamada de cidade (JACINTO et al, 2012, p.176)

Entretanto a cidade sempre foi considerada o centro das principais relações sociais pelo fato de concentrar as decisões relacionadas a todas as pessoas. “A cidade era o lugar da reunião, seja para as questões políticas, seja para as questões religiosas, era um tipo de localização fundamentada na aglomeração” (JACINTO et al, 2012). Porém não demorou muito para que este critério fosse superado, por conta das especificidades do campo e da cidade; relações de trabalho, constituição familiar, ocupações, entre outros, não ignorar esses atributos citados anteriormente, reforça de certa forma a visão dicotômica acerca desses dois polos.

A pesquisa busca relacionar aspectos culturais, econômicos e educativos no sentido de sinalizar os percursos de vida atravessados pela mediação dos espaços campo-cidade, através das vivências e pontos de vista dos moradores do campo, que estudam na área urbana, e tem em suas trajetórias de vida e escolar, essa relação sempre presente.

Na cidade são pensadas e aperfeiçoadas as principais técnicas e estratégias de produção e desenvolvimento das tecnologias que terminam por promover a modernização dos meios de produção do campo, ou seja a produção científica do conhecimento, na cidade também se concentra a maior parte do mercado consumidor, o que faz com que o campo tenha que se adequar as demandas de consumo do centro urbano, traduzindo no que Milton Santos (1999) intitula de uma relação cidade-campo mutante e em devir, por isso a definição de campo tende a mudar, pois essa definição sempre acompanha a perspectiva nacional e global. De modo geral, na prática cotidiana, o urbano foi sendo absorvido como referência de área geográfica e também situado pelo acesso facilitado aos bens materiais. Nele tudo se encontra. Mas nem sempre uma cidade é urbana na ideia de sua localização.

No caso da cidade do Acará, embora tenha um centro no urbano onde muitas coisas se encontram, é o polo onde as coisas se resolvem, porém em sua prática de territorialidade muitas regras, modos e circularidade situam-se pela dinamicidade da cultura rural, isso se justifica pela interdependência nos hábitos alimentares (açai, farinha), nos muitos e específicos modos de negociação que se multiplicam na cidade cujos clientes advêm de localidades rurais em sua maioria.

A cidade enquanto parte urbana é oxigenada diariamente por situações e jeitos rurais que transitam na rotina das pessoas, exemplos são as balsas fazendo o traslado para outros municípios; a agricultura dos e nos quintais como uma prática em muitas residências, a chamada agricultura urbana.

Esta afirmação se justifica diante do pouco recurso financeiro que a atividade requer e, por conseguinte, o uso do manejo do solo é tecnologicamente acessível, utilizando-se principalmente das experiências adquiridas que esses moradores trouxeram como herança cultural dos tempos que habitavam a zona rural (JACINTO et al, 2012, p.183).

Estes são os exemplos que demonstram o quanto a vida do interior encontra-se impregnada na vida cotidiana e no simbolismo da cidade e acabam por contribuir para qualidade de vida de todos e, especialmente dos menos favorecidos, sobretudo pelo fato de que o maior gasto das famílias de baixa renda está na alimentação.

De um outro lado, vemos o intenso percurso costumeiro de moradores rurais até a *urbis* em busca do atendimento em instituições públicas: hospitais, escolas, assistência social, dentre outros, demonstrando que o acesso não é tão acessado assim nem por rurais e muito menos por cidadãos, pois de um lado e de outro a vida se movimenta em busca de sobrevivência humana, utilizando-se das relações sociais e econômicas que se processam através dos ambientes campo e cidade; como acontece com a migração de estudantes para a formação escolar, cotidianamente.

As balsas, os barcos e os ônibus são os principais meios de transporte utilizados pelos indivíduos que moram no campo, para o acesso a cidade de acará, ressalta-se que tais sujeitos residentes no campo, mesmo fazendo parte do município, ainda se referem ao centro urbano como vou até “a cidade”, reproduzindo, em suas falas a divisão territorial simbólica e material, e o quanto as demais localidades são vistas como o “interior”.

Todavia, tais polos se complementam nas suas especificidades, o fato do espaço urbano se expandir cada vez mais não indica a exclusão do rural ou sua urbanização, mas sim uma ampliação e aprimoramento dos modos de vida, seja nos grandes centros urbanos, sejam nas outras localidades mais afastadas deste, o espaço rural foi se modificando e consolidando de acordo com o tempo. Assim, o mais prudente não é situar tais polos, mas tratarmos como formas de organização de cidades que se constituem em movimentos próprios nas dimensões econômica, estatal, sociocultural, política, geográfica.

O sentimento de pertencer a um determinado ambiente e a permanência neste para que as próximas gerações sobrevivam lá em condições de subsistência digna é substancialmente decisivo para o povo do campo pois atualmente há todo um contingente de políticas, discursos e relações que são gestadas e problematizadas sobre a questão de ser do campo. Ser morador de um contexto rural. Trata-se de um diferencial para que os povos se reconheçam e saibam de seus direitos, reivindique-os no sentido de melhorias na educação, saúde e outras dimensões da vida.

Há notoriedade de algumas vitórias para o povo do campo quando se trata de políticas públicas, fruto das constantes lutas e resistências dos sujeitos, podemos citar o decreto nº 7.352 de 4 de novembro de 2010, do PRONERA que dentre outras coisas estabelece:

Os princípios da educação do campo, tais como respeito a diversidade, a formulação de projetos político-pedagógicos específicos, o desenvolvimento de política de formação de profissionais da educação e a efetiva participação da comunidade e dos movimentos sociais do campo” (Educação do Campo: marcos normativos, 2012, p.06).

Infelizmente no Pará, tal assertiva não ressoa na prática educacional desses povos, pois as escolas no e do campo atuam apenas com o nível fundamental incompleto e com o ensino multisseriê. E, quando da presença da escola do campo esta pouco ou nada leva em conta das características do campo que são outras e elas precisam ser observadas, contrariando ao que diz a legislação.

Segundo as participantes da pesquisa, a vivência no campo é tranquila e, se não fosse a omissão do Estado que não valida o direito social com a garantia de saneamento, educação, saúde, justificando o vai e vem até a cidade para que tais necessidades sejam sanadas. Entretanto permanecer por muito tempo na cidade, segundo muitos moradores da comunidade é uma opção não prazerosa, que se sentem acostumados no lugar, com a tranquilidade proporcionada, além do convívio diário com os vizinhos e familiares. Os relatos afirmaram que as pessoas já estão acostumadas com uma maneira própria de falar que em alguns casos é visto com certo estranhamento por residentes da área urbana. Vale lembrar que essa variedade linguística é típica da nossa língua, mas ainda é associada por alguns, como ignorância e falta de estudo do povo rural.

Sabemos que existe um olhar estigmatizado construído socialmente, relacionado aos indivíduos que moram no campo, de que lá é atrasado e sem oportunidades. Sobre isto, acrescenta Cavalcante:

A partir do momento que a relação entre territórios, neste caso cidade-campo é construída em bases cuja superioridade de um é legitimada em função da construção da inferioridade do outro, os sujeitos destes territórios são, mesmo que simbolicamente dispostos nessa mesma condição (CAVALCANTE, 2015, p.18151).

Podemos inferir que com base nas relações cristalizadas, na compreensão dos territórios, nas formas e escolhas curriculares e, até mesmo, no processo de organização da escolarização, os sujeitos do campo que estudam em escolas situadas nos centros urbanos, são vistos de forma preconceituosa, desassistidos, seus direitos muitas vezes são negados. E, uma das justificativas para esse escamoteio é a velha compreensão geográfica, territorial e da relação campo-cidade.

Tomando as observações no lócus da pesquisa, pode-se dizer que os residentes do campo possuem uma relação de aproximação e atuação sobre o meio natural, evidenciado no conhecimento sobre a criação de animais, de plantação de roças e, no caso de ribeirinhos, sabem dos usos e abusos para com os rios, conhecem sobre as formas de deslocamento até a cidade.

No caso, a comunidade “Igreja Nova Glória” é considerada ribeirinha, mas a questão da água ainda é um problema crônico da Amazônia. Lá, alguns moradores optam por ter um poço, outros quando não possuem outra alternativa utilizam a água do rio. Para os moradores da Nova Glória uma de suas preocupações é a falta de saneamento, pois em momento de maré alta, a lama toma conta dos caminhos, dos arredores das casas, de igrejas e da escola.

Dada as dificuldades assinaladas, mudar para a cidade é vista por alguns moradores como uma opção, na tentativa de alcançar melhorias nas condições de vida. E, a continuidade dos estudos na cidade está associada para que depois de formados, consigam um emprego e não voltem para o campo.

Em síntese, a discussão das diferentes dimensões do território e sua constituição são imprescindíveis para a compreensão do processo histórico que situa uma outra/diferente concepção que se tem dos espaços rural e urbano, das relações campo-cidade e, que na maneira das vezes desmerece o valor das singularidades, dos potenciais que a diversidade social, econômica e estrutural dos territórios com seus sujeitos pode promover no processo humano, e as visões destes sujeitos é imprescindível para a compreensão desse processo. É importante também a maneira em que estes se veem representados nas políticas públicas que funcionam para essa parcela da sociedade, os camponeses/os rurais/os do campo, que muitas vezes por falta de cobranças diárias ao poder público, são deixados de lado.

O campo e a cidade ainda são vistos, de modo geral, como polos completamente antagônicos, porém uma reflexão é necessária, para que se compreenda, que estes dois polos, são na verdade, complementares. No município do Acará, mesmo que os moradores da área urbana se sintam superiores aos do campo, ainda sim convivem com dimensões da ruralidade no cotidiano. Nos próximos capítulos trago comentários referentes ao trabalho de campo, assim como o desenho dos mapas e percursos dos alunos, tanto escolar, quando de vida, produzidos por eles.

CAPÍTULO II - VIDA, TRAJETÓRIAS E PERCURSOS ESCOLARES

Esta seção se propõe a apresentar o detalhamento das observações realizadas retratando o percurso escolar na lancha no trajeto estaleiro beira-rio-Igreja Nova Glória, Igreja Nova Glória - estaleiro beira-rio e porto do centro da cidade - Igreja Nova Glória”

Buscando refletir os eixos: campo-cidade, a vida dos estudantes e o percurso escolar a tentativa de agora em diante é trazer contribuições das estudantes, com base nos seus depoimentos, nas entrevistas e conversas informais realizados, tanto no percurso na lancha que foi realizado durante uma semana, quanto das convivências na comunidade.

2.1 Um pouco da vida das estudantes e de outros sujeitos

Para o aprofundamento do estudo coube então acompanhar os estudantes residentes no campo buscando entender a dinâmica dos percursos de vida postos, seus saberes e outros relatos informais que foram surgindo no decorrer da incursão em campo.

Cabe salientar que a ida ao campo até a comunidade, exigiu realizar momentos de planejamento para posteriormente haver conversas informais com estudantes, com a gestão da escola e, posteriormente, adentrar nos percursos. Inicia-se aqui, por dar a conhecer um pouco da vida das estudantes, participantes diretas da pesquisa e a dinâmica desse momento.

CORA

A aluna tem 14 anos de idade e na entrevista demonstrou simpatia, no entanto uma certa distração. Durante o diálogo disse que sempre morou na área rural, na margem do “Rio Pequeno”⁸. Ela morou com seus pais e duas irmãs, em vários endereços, mas fez questão de afirmar que sempre preferiu estar na “Igreja Nova Glória”. Afirmou ainda que quando criança costumava ir à cidade com a mãe. Em seu relato fica claro que sua infância foi marcada pelo convívio com a vizinhança que são também parte de seus familiares, e foi com estes que estreitou os laços de amizade e afetos. Fez destaque que sua prima Coralina e um outro primo, foram as principais companhias, nos momentos de brincar⁹. Desse tempo, a atividade que ela mais gostava e costumava envolver até os adultos eram os demorados e divertidos banhos de rio.

Sobre o tempo escolar, a aluna diz ter iniciado seus estudos em uma escola próxima de sua casa, local que também costumava brincar bastante, destaca que a sua então professora era bastante rígida e que sorria pouco, mas como ela não tinha que se deslocar até a cidade sentia-

⁸ É um braço do rio Acará, cujo acesso se dá através de barcos, lanchas e as ditas “rabudas”. As rabudas, são canoas de madeira, montadas com motores pequenos e que funcionam como transporte fluvial.

⁹ Estas foram: as brincadeiras cantadas tais como: adoleta, escravos de Jó, nós somos 4. Também costumavam brincar de faz de conta (donas de casa, casinhas), somado aos brincades de elástico, de corda entre outros.

se privilegiada. Como já afirmado anteriormente, por essa escola somente atender até o 5º ano do Ensino Fundamental, seus pais, preocupados com o avanço dos seus estudos, transferiram-na para uma escola localizada no centro da cidade.

Das alunas participantes da pesquisa, Cora é a de mais idade e a que se encontra em certa diferença de escolaridade em relação às suas primas. Sobre isto, justificou com o fato de ter repetido um ano de estudo, mas retruca: “estou empenhada para continuar acompanhando o nível da minha prima e irmã”, Coralina e Vitória.

Por último, foi instigada a falar do convívio na turma, a estudante ressaltou que não costuma **ter** muita intimidade, pelo fato de conviver mais com seus familiares e os colegas-alunos que também são do campo, os quais utilizam o mesmo transporte escolar para chegar até a escola. Para ela, durante o percurso é quando os relacionamentos se estreitam e se consolidam em grandes amizades.

CORALINA

No decorrer da pesquisa Coralina completou treze anos. Mora com os avós, um tio e um primo mais velho, devido aos pais terem se separado quando ela ainda era criança e, segundo ela para não conviver com o padrasto que não lhe agradava, preferiu morar com os avós. Fez questão de afirmar que ela chegou a conviver com a mãe até os oito anos de idade, pois a mãe morava com os pais e, desde então o diálogo e encontro entre ela e sua genitora é quase inexistente. De sua infância, acentuou também o brincar junto de familiares. Sobre morar no campo, resalta “gosto, tem quase tudo que precisamos para viver”, e se acostumar na cidade seria difícil, mas reconhece a falta de algumas coisas, como o atendimento de saúde, de escola, mas “o aperreio mesmo é numa emergência relacionada à saúde”.

Seus familiares e ela sempre residiram no campo, mas igualmente Cora, eles mantêm contato com a cidade, seja para fazer compras, comprar remédios e para a venda de farinha que produzem na comunidade. Sobre a vida no lugar, ela mencionou que quando criança costumava ir para a roça, porém atualmente pela falta de tempo causada pela rotina escolar, quando vai é somente aos finais de semana. Ela futuramente pretende fazer um curso de enfermagem e atuar na sua comunidade, na esperança de que até lá já tenha um posto de saúde na sua localidade. Afirmou ainda que além da escola como momento de maior socialização, ela participa da igreja aos finais de semana, cujo acesso é de barco.

Coralina vez por outra falta às aulas pelo motivo de a lancha não ir apanhá-los, situação esta que as três entrevistadas enfrentam durante o ano letivo inteiro. Assim como Cora, Coralina estudou até o 5º ano perto de sua residência, indo concluir os demais níveis de ensino na cidade.

Da escola, ela disse gostar do diretor e da escola. Com relação ao relacionamento com os professores costuma ser de amizade e tem um apego muito especial pela disciplina de História e Arte, por conta “dos professores que ministram e pelo conteúdo das disciplinas”.

VITÓRIA

Vitória, manifestou-se como a mais falante e brava, embora consiga estabelecer um vínculo afetivo com todos, por sua simpatia e bom-humor. Sendo a mais nova das entrevistadas com 13 anos de idade, ela estuda o 8º ano junto de sua irmã Cora. Na escola ela interage mais com a irmã e com outros familiares que também estudam na mesma escola e mesmo horário. Sua preferência de estudo é a matemática, por isso pensa em se formar nesta área. De sua infância destacou: “Foi na Igreja Nova Glória”, lugar onde diz sentir-se acolhida e tem o que precisa, logo as viagens até a cidade são para “acompanhar meus pais nas compras ou para resolver outros assuntos”, porém afirma ter pressa para o retorno. Após as alunas responderem as perguntas a entrevista é encerrada.

Voltando a dinâmica do percurso escolar, fato levado a cabo após as explicações devidas junto da gestão da escola, passo a refletir sobre o percurso escolar a partir das experiências de estudantes, com destaque inicial ao condutor da lancha, sujeito de grande importância e responsabilidade no que se refere ao transporte escolar de estudantes.

Seu Miguel, condutor da lancha, citado na introdução deste estudo, trabalha há onze anos com o transporte de alunos do campo até a cidade, sobretudo de alunos moradores desta comunidade e, de outros que moram no decorrer do trajeto, ele transporta alunos do ensino fundamental e do ensino médio que estudam somente no turno da tarde.

De acordo com seu Miguel a lancha sai da comunidade com os alunos em torno das 10:40 da manhã, chegando na cidade um pouco antes das 13h horas. Após a chegada a lancha fica atracada no porto estaleiro beira-rio durante todo o tempo em que os alunos estão na escola. Neste porto funciona também uma serraria. Quando os alunos estão quase saindo das escolas entre 17:30 e 18:00 horas, a lancha é conduzida por seu Miguel até um outro porto, no centro comercial da cidade.

Seu Miguel realizou esta atividade há sete anos no barco, sendo que há quatro anos atrás por conta de cobranças das pessoas da comunidade e das condições precárias do barco, este foi substituído por uma lancha, o que ao todo faz com que seu Miguel some onze anos trabalhando com o transporte de alunos.

2.2 Reflexões com base nos diálogos com os interlocutores da pesquisa

Sobre o território

O centro urbano da cidade apresenta uma dinâmica diferente das que os estudantes residentes da Nova Glória estão acostumadas, todas as entrevistadas falam da tranquilidade do lugar, somado ao fato de a família esperar seu retorno, estes são estímulos para que eles voltem imediatamente, contudo estes sujeitos não deixam de reconhecer a importância de uma aproximação com o centro urbano, pois mesmo que a localidade seja um local acolhedor para viverem e continuarem lá, sabem que muitas de suas necessidades básicas são resolvidas e gestadas no centro.

Dos relatos, o vai e vem campo-cidade, quase sempre se destina para o fazer compras, para estudarem ou para resolverem questões que só encontram lá, sendo que tais viagens são sempre durante o dia e ditada por alguma necessidade imediata, todavia o desejo é de retorno ao contexto rural, que estão acostumados. Ou seja, a vontade de voltar para o “lugar” só vai aumentando quando eles estão longe de casa e das pessoas com quem convivem, com suas experiências, suas dinâmicas de entretenimento, suas ocupações etc. Aqui encontra-se uma forma singela de representar e dizer um pouco da relação campo-cidade, a qual reflete inclusive, na sala de aula com alunos/educadores que residem na cidade e os que residem no campo, pois dessa produção cultural campo-cidade, situam-se relacionamentos, criam amizades, posturas didáticas de tratamento e afeição entre outros aspectos.

Com relação ao espaço vivido as três estudantes relatam o “gostar sobretudo de tomar banho no rio”, pois é um momento de descontração e interação com os/as colegas. Cora quando questionada sobre a possibilidade de continuar morando no campo, é categórica em afirmar que “quando se formar nos estudos”, o melhor é ficar na localidade pois, é onde se sente valorizada e, o fato de conhecer todas as pessoas que moram próximas da sua residência faz com que ela se sinta íntima do território, no sentido de troca de experiências. Esse posicionamento traz a ideia de um reconhecimento social e de pertencimento com o território, com o lugar que habita.

Como processos de construção de territórios, recobrem, pois, ao menos dois conteúdos diferentes: de um lado, a ligação a lugares precisos, resultado de um longo investimento material e simbólico e que se exprime por um sistema de representações, e, de outro lado, os princípios de organização – a distribuição e os arranjos dos lugares de morada, de trabalho, de celebrações, as hierarquias sociais, as relações com os grupos vizinhos (GODOI, 2014, p. 10).

Ou seja, a estudante discorre sobre os modos de convívios diários em suas práticas sociais, comungando dentre outros com os saberes que vão acumulando com o passar dos anos, sendo frutos das interações entre os sujeitos de um determinado território.

Ainda sobre o território, conforme já assinalamos grande parte dos familiares das estudantes moram no campo e, se ocupam de atividades rurais especificamente o trabalho da roça, de caça e da pesca, porém estas não são as únicas fontes de renda, eles também exercem

outras atividades, a exemplo, a mãe de Cora que trabalha como servente em uma escola dessa localidade.

Dentre estas atividades rurais está a plantação de mandioca, que é feita pelo pai de Cora, a mandioca é utilizada assim que amadurece, para a produção de farinha, esta é produzida tanto para o consumo da família, quanto para a venda do excedente na cidade. Os preços são definidos de acordo com o valor que circula no mercado e demanda de procura do produto, vale destacar o fato dos sujeitos do campo se adaptarem a dinâmica da cidade, com vista a um resultado satisfatório de sua venda. Tal influência ao sistema capitalista, é posto por Batista (2018):

Em decorrência da expansão física e ideológica dos padrões urbanos que vão caracterizar o novo rural, o qual cada vez mais se distancia do agrícola, o modo de produção capitalista recria o campo. Disseminam-se novas atividades, antes exclusivas da cidade, misturam-se cada vez mais atividades não agrícolas e agrícolas. Embora a pluriatividade seja uma característica marcante dessa perspectiva, rural e urbano fundem-se, preservando suas especificidades (BATISTA, 2018, p.129).

A maneira como o contexto rural é tratado pela sociedade de modo geral influencia diretamente na forma dos moradores se posicionarem em relação a sua localidade, e no valor que eles atribuem a esta, sinalizando uma complementariedade dos espaços urbanos e dos rurais, mesmo havendo as peculiaridades.

Carolina e Vitória acataram discutir suas visões acerca da localidade, considerando-o como um bom lugar para se viver, sobretudo porque é bem mais tranquilo comparado ao centro urbano, não se sentem inferior por morarem em área rural, ao contrário acreditam serem “privilegiadas”, pois fazem as coisas que gostam e não correm os riscos que correm no centro urbano como a insegurança atrelada a criminalidade. A característica que elas mais destacaram como negativa é a falta de saneamento básico fazendo com que convivam diariamente com a lama, presente em todos os caminhos que utilizam, sobretudo no inverno amazônico.

2.3 Interações a partir das relações campo-cidade

As três alunas entrevistadas são moradoras do campo, elas se ocupam entre outras atividades com atividades laborais de “ajuda” aos seus pais, são atividades domésticas, de roça e, auxiliam seus responsáveis no sustento da família; além do tempo que é reservado para a escola e igreja. Fazem destaque que ir à roça é um momento de diversão e é também o momento em que se reafirmam algumas práticas rurais do campo. Vale notar que, ancorado aos percursos de vida estão os saberes, os quais serão preservados futuramente por essas pequenas moradoras, devido tais saberes serem repassados para as futuras gerações, como os cuidados com a terra e com os animais.

Cora reafirma não sentir a diferença de tratamento por parte dos colegas que moram no centro, sente-se incluída pelos colegas de sala e pela escola, mesmo salientando que suas amizades também moram na mesma localidade, por facilitar quando ela marca para estudar com as colegas. Ela percebe os alunos da cidade mais agitados que os do campo. Já Vitória diz que as pessoas da cidade são estranhas e prefere não se entrosar.

Por conta das distâncias e barreiras materiais e simbólicas, muitos moradores do campo preferem por ficar no seu lugar de origem, vivendo das práticas de trabalho que foram ensinadas desde a infância e veem o estudar como algo que traz um retorno a longuíssimo prazo. Sobre os estudos o avô de Carolina, durante um diálogo na comunidade Igreja Nova Glória relata

Nunca estudei, vim de família carente, por isso recorri cedo aos trabalhos braçais, para ter minhas roupas, objetos e as outras coisas do qual precisava e meus pais não podiam dá, estudar é muito bom, e se eu pudesse voltar atrás voltava, mas o resultado não é rápido e eu precisava das coisas, incentivo meus netos hoje em dia, pois não tive essa oportunidade (Diário de campo, maio de 2019).

Sobre a relação campo-cidade relata um responsável de Cora:

Aqui na Nova glória é tranquilo, um excelente local de morada, mas caso eu tivesse uma casa na cidade me mudaria imediatamente, pois penso na continuação dos estudos das minhas filhas, a principal renda da nossa família vem da atividade rural. O campo e a cidade sempre foram e continuam divididos, o pior do campo é a falta de recursos, investimentos em saúde, escolas, saneamento básico, entretanto, no campo muitas coisas são gratuitas, como alimentação: farinha, peixe, açaí, frutas variadas. E na cidade, se a pessoa não tiver dinheiro para comprar não tem, as pessoas são menos solidárias e não costumam doar alimento para os que não tem, nesse caso o dinheiro é mais que necessário, pois a falta causa fome e miséria, principalmente porque os empregos na cidade são cada vez mais difíceis (Diário de campo, maio de 2019).

Mesmo que gostem da tranquilidade do campo, os pais preocupam-se com o futuro escolar dos filhos, por isso, não dispensariam a possibilidade de se mudar para a cidade.

O trânsito das pessoas dentro da comunidade costuma ser apenas pelo rio conforme já ditos, por isso no terceiro dia de viagem e para o deslocamento até a casa das outras duas entrevistadas, aproveita-se o instante em que a mãe das irmãs chega de rabuda no porto da escola que fica próxima da casa de Coralina para que esta mostrasse local de sua morada, ela se dispõe, considerando que na ocasião ela estava de saída, rumo ao poço da localidade.

Nesta comunidade não existe nenhum sistema de abastecimento de água, e a comunidade costuma buscar água para beber num poço que fica na igreja da comunidade, a água utilizada na escola também é pega deste poço, pela mãe das meninas que também é servente na escola. Outrora essa atividade era menos cansativa para a servente, porém depois que descobriu um problema sério de coluna, carregar uma garrafa com quase dez litros de água se tornou uma atividade sacrificante.

Além da falta de um sistema de abastecimento que beneficie os moradores da comunidade, nota-se as condições de improviso na qual a única escola da localidade funciona; condições inadequadas do banheiro; o pequeno quadrado que funciona como cozinha, o fogão utilizado é um pequeno de duas bocas, e as únicas duas salas de aula que tem, funcionam superlotadas, uma fica com alunos com idades de creche, pré-escola e a outra com as séries I e II do fundamental, sem contar na falta de ventilação, que atrapalha inclusive no desempenho dos estudantes.

Na volta para a cidade, observa-se que o cenário da beira do rio é composto por várias igrejas evangélicas, assim como casas em sua maioria de madeira e muitas madeireiras, sendo o que mais chama atenção naquela paisagem são os muitos rapazes que trabalham nas madeireiras, o que de imediato provoca uma inquietação a respeito do contraste visual presente, entre os que estão trabalhando nas serrarias e carvoarias, que geralmente ficam no lado das madeireiras, e os que estão na lancha na esperança de mudar suas vidas através dos estudos.

É extremamente perverso culpar estes pela realidade vivida e, deixar de pôr em discussão a omissão do Estado diante desta realidade, pois as escolas que têm no campo atualmente, principalmente na “Igreja Nova Glória” oferece um ensino precário e básico, a exemplo, a única escola nessa localidade oferece apenas o nível fundamental menor e a modalidade EJA (I e II etapas) funcionando em condições estruturais ruins. Essa precariedade na escola do campo e do ensino ofertado é bastante discutida na região paraense:

Ainda que reconheçamos muitos avanços em termos das políticas educacionais para o campo, que se evidenciam na expansão e em mudanças quanto ao atendimento nos diversos níveis de ensino, estamos muito distantes de assegurar a universalização da Educação Básica aos sujeitos do campo, bem como de superar o quadro de acentuada desigualdade educacional, marcado por uma situação ainda precária em relação à permanência e a aprendizagem dos estudantes nas escolas do campo (HAGE e, 2014, p.1171).

Cabe destacar que muitas das escolas que se encontram no campo funcionam mesmo com a falta de investimentos por parte do Estado, assim atuam em condições precárias em diversas frentes (qualificação dos professores, transporte escolar, estrutura física e mobiliária etc), que dentre outros motivos dificulta a permanência dos alunos, contribuindo que estes ao invés de vê-las como uma possibilidade de expansão e aprimoramento dos conhecimentos atribuem a elas a perda de tempo.

Quanto à ida até a escola destes estudantes, segundo elas é também visto como uma rotina cansativa, que se materializa pelo percurso diário até a escola da cidade, aspecto abordado na sequência.

2.4 Interações durante o percurso escolar

Alguns dias antes ao que antecedeu um dia de viagem seu Miguel avisa que a viagem é cansativa longa e cansativa assim, é necessário levar: lençol, água, biscoito e um lençol, pois o único abrigo para ele e para quem não tem conhecidos no local para passar a noite é a lancha, que geralmente fica atracada no porto de algum conhecido do condutor.

Observando desde a saída em dos dias letivos e consecutivos, percebeu-se que os estudantes assim que saem da escola aguardam a lancha embaixo de algumas barraquinhas de venda de peixes e objetos importados. Durante o tempo de espera da saída do transporte por parte dos alunos ocorrem interações entre eles: brincadeiras, namoros, amizades que se constroem nas mediações do convívio, se estende durante o percurso e se expande até o tempo em que eles convivem na escola, que na maioria das vezes acontece, é quase igual ao tempo em que eles passam em casa.

Os alunos que mais demoram para chegar ao porto são os do Ensino Médio, por conta da quantidade e regularidade das aulas. Após essa espera, começa o deslocamento para dentro da lancha, sendo uma ação que os mais apressados correm atrás dos lugares de sua preferência, outros apenas procuram um lugar para sentar.



Foto 02: Alunos aguardando a saída da lancha, da cidade para o campo. Fonte: Trabalho de Campo, 2019.

A lancha escolar utilizada faz parte do programa caminhos da escola e, também, do PNATE (Programa Nacional de apoio ao transporte escolar), instituído pela lei 10.880 de 9 de junho de 2004, com o objetivo de garantir o acesso e a permanência nos estabelecimentos escolares dos alunos do ensino fundamental público residentes em área rural” (Guia do transporte escolar, [2--?] p. 86).

No caso dos alunos da referida escola, que diariamente a utilizam eles embarcam em portos/lugares variados, pois não existe um porto específico para o embarque. Ressalta-se que tanto o local de desembarque dos alunos, quando chegam na cidade que é no estaleiro beira-rio, quanto o local de embarque para o retorno até suas casas, que é no centro comercial, fica em meio as barracas, isto é, são espaços improvisados. E, como trata-se de um percurso longo, de até duas horas e trinta minutos conforme já mencionamos, tomando os diálogos e um pouco da convivência com eles na embarcação, foi possível perceber que as relações acontecem.



Foto 01: Lancha, no centro comercial aguardando os alunos ao anoitecer.
Fonte: Trabalho de Campo, 2019.

Seu Miguel as vezes leva outros passageiros e encomendas, durante minhas viagens não presenciei este fato, porém avô e neta afirmam que é uma realidade constante, o que de certa forma contribui para a superlotação da lancha.

A dinâmica de funcionamento e organização na lancha não costuma mudar tanto, com exceção de algumas regras que são postas após reuniões dos pais com os moradores, um destas regras foi que os meninos sentassem separados das meninas, para evitar reclamações sobre as “bagunças e namoros” feitas por seu Miguel. A partir dessa norma, seu Miguel parecia um pouco mais tranquilo durante a viagem, porém alguns alunos não viram esta regra com bons olhos e se desentendem quando um ultrapassa o limite espacial do outro.

Processos interativos são conduzidos. Gritos, conversas, desentendimentos. Os alunos que gritam são um grupo que fica no fundo da lancha e o que mais provoca a atenção do condutor, e este constantemente chama atenção de alguns alunos pelo barulho que fazem e pelo fato de não ficarem quietos ignorando algumas regras que estão no cartaz colocado na parede da lancha com os avisos: “Não namore e não fique transitando pela lancha, não grite, não fume ou consuma bebidas alcoólicas, dentre outras”, demonstrando um certo controle que é feito pelo

condutor da lancha. Na lancha tem também um banheiro pequeno e quando os alunos precisam utilizá-lo, pegam a chave com seu Miguel ou com uma aluna do Ensino Médio. Uma aluna relata que esta estratégia é para ter o controle de quem entra no banheiro, se entra sozinho e/ou não deixa este sujo e desorganizado (Diário de campo, maio de 2019).

O retorno às residências dos alunos, inicia com o percurso em torno das 18:00 h, começa assim o retorno até a localidade onde moram os principais sujeitos da pesquisa e, como já mencionei, durante o trajeto acontece as mais variadas interações: namoros tímidos, por conta dos olhares constantes de seu Miguel; conversas com os principais assuntos presentes: futebol, namoro, apostas, igreja e escola. Nesse momento também acontecem brincadeiras para passar o tempo, tais como: queda de braço, “pedra, papel e tesoura” e quando chove os alunos são obrigados a fechar as janelas, sendo que a superlotação é sentida através do calor intenso e por outro lado.

Por conta da grande distância que a lancha tem que percorrer até as residências, a fome começa a ser sentida pelos alunos, e neste momento, os alunos com algum dinheiro vão até ao seu Miguel que faz venda de pipocas e skilhos dentro da lancha, e quando o incômodo é a sede, os alunos a saciam com a água do rio, inclusive utilizam um copo feito de garrafa *pet* que fica preso com um fio na parede da lancha para este fim. Apenas Cora e Vitória levam uma garrafa térmica com água, comprada pela mãe para este fim, visto que a água do rio, está bastante poluída.

Pouco menos de cinco km após a lancha entrar no Rio Pequeno, braço do rio que dá acesso a Nova glória, os alunos do ensino médio começam a descer em suas casas, e como já são um pouco mais de 18:40 horas está escuro, e as luzes vermelhas de dentro da lancha acendem-se.

Entre diálogos na lancha algumas alunas situam que chegam tarde nas suas casas por conta da lentidão da lancha, uma vez que seu Miguel viaja em velocidade mínima, dizem ter feito um abaixo-assinado certa vez, para que o condutor fosse trocado por outro, porém nada mudou, pois, a Secretaria Municipal de educação - SEMED não considerou o motivo como um fator relevante para que a troca fosse realizada.

Como fora mencionado anteriormente são viagens que se tornam cansativas, por isso na volta para casa os alunos cochilam escorados na parede da lancha, ou deitados nos duros bancos do transporte fluvial, e alguns mesmo cansados ainda tentam aproveitar para participar mesmo que seja dos minutos finais de atividades que não pode realizar pela falta de tempo como a igreja.

Uma aluna entra no banheiro e sai com uma saia longa, na certeza que vai descer na igreja, quando a lancha estiver próxima de lá. Somando o tempo que passam na escola e o tempo em que passam na lancha, os alunos dessa localidade que estudam na cidade, chegam a passar dez horas e meia fora de casa, quase metade do seu dia.

Coralina, uma das entrevistadas da pesquisa interage o tempo todo com os colegas de lancha, sobretudo com os meninos e essas interações são feitas por todos, inclusive com os estudantes do Ensino Médio. Em determinado faz o convite para a dormida seja em sua casa, argumentando que sua família é muito receptiva e hospeda durante a noite uma professora que é do município de Bujaru, a qual ministra aulas no turno da manhã e da tarde em uma escola próxima de sua residência.

Após o convite ser aceito e quando o destino está próximo às 20:30 horas, a aluna avisa. É o momento de despedida dos poucos alunos que ainda restam na lancha. Neste momento a maioria dos alunos já desceu, pois dos alunos: Cora, Coralina e Vitória são as que moram mais longe.

A descida é feita com cuidado em cima de um barco, já que a ponte está coberta pela água do rio por conta das enchentes causadas pela chuva desse período, depois de alguns passos pela água, e em seguida por uma ponte de madeira posta em cima da lama para posteriormente chegar a porta da casa da aluna, na qual sua avó aguarda.

Na casa, de madeira e confortável, moram coralina a avó, o avô, um tio e um primo, e estes são extremamente receptivos, observa-se que além de uma televisão pequena que funciona com o sinal da antena parabólica, tem também um celular que fica o tempo todo conectado a um cabo de uma antena telefônica rural. Ou seja, apesar da distância da cidade grande parte dos moradores desta localidade ficam “conectados” o tempo todo.

Para que o contato com estes moradores não seja resumido tão somente a uma relação unicamente de perguntas e respostas é feito um momento de conversa sobre assuntos diversos. Este momento remete a tal “contaminação” citada por Brandão (2007) ao tratar que na pesquisa um primeiro contato com os sujeitos não seja direto tratando de pesquisa, mas sim o de um estabelecimento informal, de diálogos informais e vínculos.

A água forte do chuveiro, a de lavar louça e a usada para lavar roupa é oriunda do rio, a qual é armazenada na caixa d'água com ajuda de uma bomba, O banheiro é feito de madeira e no fundo do quintal fica o outro banheiro usado para as necessidades fisiológicas, este é feito de madeira, com uma elevação de madeira dentro, uma espécie de banco, com um buraco no meio.

Após o banho e jantar a conversa continuou, e a avó de Coralina questiona sobre o tema do TCC. Sabendo que ela podia ajudar é exposto novamente, fazendo com que a senhora se mostre interessada e disposta a colaborar. Ela pede que as perguntas direcionadas a ela sejam logo feitas, pois no dia seguinte ela e seu esposo sairão bem cedo para trabalhar na roça. Sobre a ida diária da neta a cidade ela revela certa preocupação:

Fico muito preocupada quando ela sai de casa, começa a partir do momento em que ela entra na lancha, o principal motivo é a insegurança, meu maior é que a lancha vire durante o trajeto, principalmente pelas chuvas constantes, ou pela passagem de balsa pelo lado, e nos últimos tempos a lancha tem viajado lotada (Diário de campo, maio de 2019).

O dia seguinte assim como os outros começa cedo na Nova Glória, todos já estão de pé as 6 horas da manhã e preparam-se para ir a roça, os que vão para escola se preparam e, na casa costuma ficar apenas coralina e enquanto os avós estão na roça a neta é a responsável pelos serviços domésticos, tendo sempre o relógio como sua “bússola” o que denota um controle rigoroso com o horário.

Por conta desta responsabilidade, ela raramente tem tempo de fazer a lição de casa em casa, o que justifica o fato de muitos alunos realizarem atividades escolares na lancha.

Àquela altura, da janela da casa de Coralina observa-se as rabudas que chegam a uma escola próxima da casa de coralina para deixar os alunos na escola¹⁰. As rabudas que levam os alunos que moram no entorno até essa escola, são conduzidas por moradores locais, que prestam serviços no transporte escolar destas crianças, através do PNATE.

No momento de ida da casa a escola, ou seja, retorno a cidade, os rostos são os mesmos, todavia com uma expressão menos cansada, comparada as que eles saem da aula, em direção as suas casas.

O deslocamento no sentido campo-cidade deixa o cotidiano dos estudantes do campo marcado pelo ir e vir, e por sentimentos diversos, em que ora se alegram pela possibilidade de frequentar a escola, ora se entristecem pela distância cultural desta mesma escola, ora se sentem cansados pelas distâncias geográficas. (CAVALCANTE, 2015, p. 18153).

Neste momento muitos estudantes realizam o cuidado com a estética visual, utilizando-se de creme de cabelo, pentes e perfume, pois as vezes não dá tempo de fazer isso em casa, e algumas meninas assumem o papel de cabelereira nesta hora e fazem tranças, penteados e cachos nas outras colegas e outras, assim que o cabelo está ficando seco pegam água no rio e passam no cabelo para evitar o volume, arrumando-as entre elas, o que acaba sendo um passatempo durante a longa viagem de ida a cidade para estudar.

¹⁰ Na comunidade esta escola atende os níveis de Educação Infantil, os primeiros anos do Ensino Fundamental e EJA.

A viagem segue, após a lancha pegar todos os alunos nas suas casas em direção ao porto estaleiro beira-rio. Chegando, todos descem e se dirigem as suas escolas. Para o aproveitamento da hospitalidade da família de Coralina, além do primeiro dia, lá foi o local de dormida nos outros dias, com exceção do último dia.

Durante a Igreja Nova Glória, devido proximidade das residências foi possível ir até a casa de Cora e Vitória para conversar com seus responsáveis e conhecer o local de moradia, lá todas foram receptivos, e a mãe relata que enquanto as filhas não retornam da escola, ela é tomada de preocupação.

Como parte do trabalho de campo, no 4º dia de viagem, uma aluna identificada pelo nome fictício de Clarice, faz o convite para a dormida em sua casa da próxima vez. E, na viagem seguinte a parada é na sua casa.

Um dos maiores desafios vivenciados diariamente por esses estudantes se inicia no trajeto em direção a casa, este costuma ser cheio de lama, e em qualquer descuido, enfiar o pé na lama é inevitável. Este mesmo caminho costuma ser seco no verão, porém no inverno a situação é insustentável e caótica, uma parte desse caminho em determinado momento do percurso passa a ser feito sobre uma ponte, construída através do trabalho coletivo de alguns moradores.

Nessa intempérie, após uns 20 metros andando pela terra molhada, e com os pés cheios de lama, chega-se a uma ponte estreita de madeira, uns 300 metros depois finda-se o percurso sobre a ponte, e este passa a ser por cima da grama e mato, para depois de uns 200 passos chegarem finalmente nas suas casas.

Uma das características principais do povo do campo, é a maneira com que eles são acolhedores para com os visitantes, desta forma buscam alternativas para que seus visitantes se sintam sempre bem. Na chegada na casa da aluna fui recebida por sua mãe e mais quatro irmãos de Clarice.

Sua mãe, uma senhora de cabelos cumpridos meio esbranquiçados, linhas de expressão profundas, que mesmo aparentando uma fisionomia fechada foi receptiva e se manteve receptiva, seu esposo agiu da mesma forma mesmo aparentando um pequeno cansaço, fruto de um dia cansativo no roçado e com sol.

O trabalho rural não costuma ser leve, e na hora do plantio e colheita homens e mulheres desempenham basicamente as mesmas funções, porém pelo fato de ser um trabalho de bastante exigência física, alguns desses sujeitos, sentem mais cedo as consequências de uma vida de trabalho, que começa na infância, e por isso passam a se ocupar de outras atividades, como a mãe da aluna, que após anos trabalhando na roça, começou a sentir dores frequentes na

cabeça, que acredita ser fruto do sol constante, por conta disto, ocupa-se atualmente apenas dos trabalhos de casa.

O momento seguinte foi de tomar banho jantar o açaí com peixe frito, oferecido pelos pais da aluna, o peixe, ainda farto na localidade, é uma das principais fontes de alimentação do povo do campo que também é ribeirinho. A água utilizada na casa da aluna é do poço, diferente da casa de Coralina, na qual é necessário se deslocarem até o poço da igreja para conseguirem água para beber, na casa de Clarice já tem um poço. Dos irmãos de Clarice, apenas dois não são casados, os outros sete que já são, residem próximos, o que aliás é uma característica dessa comunidade, os filhos casam, mas continuam morando na localidade e próximos dos pais, formando assim vila familiares na região.

Já cansados de um dia inteiro de trabalho e de percurso escolar, nos encaminhamos para as redes, as luzes da casa são apagadas e próximo das 22:00 horas todos vão dormir. No dia seguinte, Clarice levanta cedo, para arrumar sua irmã mais nova para a ida a escola, o transporte que leva os alunos a escola passa para pegá-la a partir das 06:30.

Aos poucos todos vão se encaminhando para suas atividades diárias, os filhos e pai vão para roça e Clarice e a mãe ficam cuidando da casa. Os pais da aluna dependem essencialmente da venda de farinha e do benefício social do governo (bolsa família).

Nos arredores da casa bois passeiam pela manhã, e um menino de um pouco mais de dez anos é o responsável por puxar os bois pela corda presa a eles e encaminhá-los ao curral, os ofícios do campo são aprendidos desde cedo pelos que nele vivem, de acordo com (RIBEIRO 2014 apud GAVIOLI 2016, p.53) “crianças camponesas além da escola, têm um longo aprendizado com a lida com os animais, com os afazeres na lavoura, em casa, na pesca e entre outros, encaram o trabalho desde cedo como sendo aprendizado de vida, envolve a família e são adquiridos durante a infância.

Suas principais ocupações dividem-se entre as atividades do campo e a escola, e o tempo do brincar na infância, que inclusive é deixado em segundo plano, sobretudo por conta dos afazeres que precisam ser feitos.

Sobre o local de morada da estudante é caracterizado por uma paisagem da casa que se associa com montanhas ao fundo cobertas por mato verde, e o nascer do sol contrastando com o verde da mata, indicando uma vida pacata em meio a natureza.

Após o momento do almoço, a mãe é a responsável por ficar apressando os filhos para que não percam a lancha escolar, a qual costuma passar em torno das 10:40 horas na localidade rumo a cidade, e eles começam a “correr” para não se atrasarem.

A ida até a lancha é menos complicada, comparada ao momento do retorno, pois agora está claro, o embarque é feito na lancha e inicia assim mais uma viagem na lancha escolar, na intenção de conhecer um pouco do percurso escolar e suas implicações no processo educativo dos estudantes e do aprendizado de vida de todos e, inclusive do barqueiro naquela rotina de viagem, transcurso e interação humana.



Foto 03: Lancha na ida para a escola. Fonte: Trabalho de Campo, 2019.

Em síntese, os percursos de vida postos na localidade Nova Glória, tanto os escolares quanto os dos seus ciclos de vida se constituem de vínculos existentes entre os sujeitos, oriundos do campo em sua maioria são vizinhos e até parentes, são pessoas de localidades próximas e que costumam frequentar a igreja e conviver, até mesmo convivem nas relações de trabalho, como ida a roça, pesca, e ajudas com os trabalhos de manuseio e cultivo na terra.

No caso dos sujeitos-estudantes, interlocutores da minha pesquisa, tais vínculos são estreitados no espaço da lancha, onde tais estudantes passam boa parte das horas de um dia e, no caso são muitos dos seus dias.

No trajeto feito na lancha escolar, de ida e volta escola-casa e casa-escola, eles passam aproximadamente cinco horas diárias, sendo vínculos afetivos construídos durante o percurso que se dão através de conversas, risadas, confidências, namoros, cuidados estéticos, sobretudo com os cabelos e, também o dividir objetos como o fone quando em dupla ouvem música ou assistem vídeos pelo celular, o celular também é um dos elementos que está presente nesses momentos de interação com os outros, além de verem vídeos, muitos alunos dividem o fone para ouvirem música ou simplesmente jogam no celular.

O percurso referido se inicia no caminhar até o local onde fica o transporte escolar, caminho este cheio de lama, realizados em companhia de outros colegas (duplas ou mais), ou de esperar a lancha na ponte da casa. Assim que a lancha chega e eles adentram, se esta não

estiver lotada, elas procuram um espaço para se acomodar, logo se colocam nas interações que ocorrem durante o traslado até a escola, trata-se de um momento de encontro entre alunos de localidades em comum.

Sobre o tempo em que os alunos gastam para chegar até a escola, especialmente o horário para estar na cidade e entrar na escola, e ainda o acordar cedo para realizar atividades e se alimentar Cavalcante (2015) ressalta que “na sociedade moderna de modo geral vivemos sob o ritmo do relógio, artefato imprescindível, como numa mensagem implícita de que têm que acompanhar o compasso do território de destino” (2015, p.18154). E o território de destino citado pela autora, pode ser exemplificado pela cidade, que apresenta uma dinâmica de horário e horário de tarefas, diferentes dos tempos que são tratados no campo.

No caso da localidade onde as estudantes residem, suas famílias também modificam suas rotinas em favor de um tempo social, o tempo escolar e tempo de deslocamento até a cidade. Modificam, o horário do almoço, associam outros tempos ao tempo que precisam assistir seus filhos até o ponto que inicia o percurso escolar, isto é, na parada do transporte. Se organizam no tempo para buscarem estes no retorno da escola-casa.

Em certa medida, os pais são movidos pela possibilidade de que seus filhos, possam ter a formação escolar e obter um emprego e, desta forma, não tenham que levar “a vida sofrida” que eles levam na maioria das vezes. Ainda, sobre essa questão, a autora ressalta:

Ao se derrubar a fronteira geográfica em busca da escola, outras se levantam: menos tempo para o diálogo com seus entes, para acompanhar a família às visitas, jogos e festas locais, para as brincadeiras de infância. O mundo desejado para o futuro deixa de ser o vivido no presente (2015, p.18155).

Da parte dos pais e responsáveis eles ainda acreditam no potencial transformador da educação. E, por isso são os primeiros incentivadores dos seus filhos e/ou parentes, incentivam, estimulam, garantem o mínimo para que os estudantes, seus filhos e/ou parentes, estejam e vivam a experiência da educação escolar. No geral, eles costumam ficar apreensivos até que seus filhos retornem para as casas, entretanto não abrem mão que os filhos frequentem a escola da cidade, pois acreditam que os bons resultados dos estudos virão.

Os estudantes, jovens e leves, aprendem, convivem e interagem com os processos que se dão durante os trajetos até a escola. Fruto disso é a proximidade e amizade com os colegas que convivem durante o percurso escolar é com essas mesmas pessoas no ambiente escolar, alguns dizem que é porque eles conversam sobre as mesmas coisas, outros dizem que os alunos da cidade têm objetivos diferenciados como ao invés de conversarem, preferem ficar namorando ou nas redes sociais, alguns ainda ressaltam que os alunos da cidade se sentem superiores. Sobre essa questão, os autores e conceitos trazidos, pode-se afirmar que essa

superioridade é simbólica, uma vez que o campo depende da cidade, assim como a cidade depende do campo.

É possível dizer que os processos entre pessoas, nos tempos de vida e o escolar e, diante das expectativas em relação a escola e as aprendizagens para além da escola, sedimentam a produção da vida dos camponeses que, no caso dos estudantes, também se inclui o percurso escolar.

As alunas destacam ainda que o percurso diário até a escola, as impede de participarem de algumas atividades locais, pois o tempo perdido entre a ida para a escola e a volta para casa é grande. Outro ponto interessante que apareceu no diálogo com as estudantes é o tempo escolar.

No caso, os estudantes moram no campo, quase sempre ficam impossibilitados de participarem das atividades extracurriculares nos horários diferentes do de estudo, isto é, no contra turno, devido à falta de transporte, pois este é restrito a um turno somente e, em termos de programações além da sala de aula, eles ficam prejudicados. O transporte do turno da manhã, não faz viagem, desta forma, apenas os que possuem um transporte alternativo e os residentes na cidade, participam desses momentos.

Nestes momentos, a participação dos estudantes do campo é sempre mais difícil: seja porque o transporte escolar não buscou, seja porque se sentem cansados, ou porque para os pais/mães um dia de ajuda no trabalho seja significativo, ou ainda porque não se sentem a vontade para participar, por se sentirem como o centro de olhares reprovadores (CAVALCANTE, 2015, p.18152).

Realizar tais percursos nos remetem a uma compreensão espacial condutor-área rural e estudantes-área urbana, sendo direcionado por um planejamento de ambos. O planejamento do condutor se inicia na verificação e manutenção da lancha, combustível, funcionamento e afins, para que esta não tenha problemas durante o trajeto, este também planeja alimentação noturna, tempo que ele deixa o último aluno na comunidade.

Quando o condutor está na área rural, busca um diálogo permanente com a comunidade, sobretudo com os pais dos estudantes transportados, e costuma marcar reuniões com estes para discutir assuntos relacionados ao transporte dos alunos. Enquanto, o contato entre escola e condutor é inexistente e, se existir alguma pendência relacionada a lancha, o contato direto do condutor é com a Secretaria Municipal dos transportes.

Da parte dos estudantes, essa vivência campo-cidade promove o estreitamento de laços e interações com professores, comerciantes, lojistas e alunos da escola. Existem também a questão climática, enfrentada por eles, pois no momento em que a lancha atraca na cidade no porto “Estaleiro Beira-rio”, o sol costuma estar “fervido”, como costumam dizer, torna-se

assim mais uma questão a ser administrada. E, no momento da saída da escola, se defrontam muitas vezes com a chuva, obrigando-os por vezes suportarem o calor da lancha fechada, que somado ao cansaço do dia, contribui para a exaustão dos alunos.

Todas essas relações imbricadas contribuem e caracterizam para uma apreensão sobre o território, no caso da dinâmica da cidade, sobretudo, apreensão do campo sobre a cidade o que termina por nos dizer um pouco mais dessa relação campo-cidade.

Outra forma de trânsito no percurso escolar é a própria organização familiar, ou seja as atividades realizadas pelos alunos que utilizam a lancha é construída de acordo com o horário da lancha, assim como ela costuma passar nos portos das casas as 10:30 da manhã, quando são dez horas elas já realizaram todas as atividades domésticas ou de roça a que são submetidas por seus responsáveis, no caso das meninas: lavar roupa e louça, fazer o almoço, limpar a casa e tomar banho e dos meninos: roçar, pescar, apanhar açaí (quando tem), para esperar a lancha.

No ir e vir a cidade, no ir e vir à escola são construídas trajetórias de vida e a escolar, além disso faz-se importante identificar e compreender as maneiras pelas quais esses indivíduos se veem como sujeitos dessa relação campo-cidade e sobretudo, a dimensão espacial apreendidas durante esse deslocamento realizado na lancha, aspecto que abordaremos no capítulo seguinte.

Como afirmaram as estudantes, dessa relação campo-cidade são diversas maneiras de se relacionarem com uns mais do que com outros, são dados os laços que continuam e se estendem para a escola, por conta da convivência que começa em casa, na vizinhança, na comunidade. Essa extensão de convívio que se transpõe para a escola acontece sobretudo, pelo fato de elas e até educadores compartilharem conhecimentos e experiências, compartilharem diferenças entre humanos, até porque seja em casa, seja no percurso escolar e, por fim na escola, ocorre um ciclo que se repete na vida e no cotidiano.

Aqui cabe trazer um conceito bastante recorrente para a atualidade, a educação da vida, aquela que se funda no saber local e na dinâmica produtiva da cultura por parte dos sujeitos. Assim, tomando o conceito de Brandão (1981), o “o saber próprio dos homens [...] que envolve situações pedagógicas interpessoais, familiares [...]” (BRANDÃO, 1981, p.6). Tomando o autor, trata-se de uma convivência e interação que ocorre durante o percurso da lancha que promove atos educativos onde todos acabam por experienciar um aprendizado de diálogo e de vivência entre si, ou seja, se colocam informalmente num circuito de troca de ensinar-e-aprender, conforme considerações do autor.

CAPÍTULO III – PERCEPÇÕES TRADUZIDAS EM MAPAS SOBRE OS PERCURSOS E ATIVIDADES LOCAIS

Os sujeitos possuem várias representações e percepções acerca do lugar. No caso dos moradores da comunidade, detidamente possuem ideias sobre o que abrange a extensão feita durante o percurso da lancha, que também traduzem formas de compreender as relações campo-cidade. Tais representações situam o vivido, espaços transitados, suas compreensões de mundo, representam modos de viver.

No trabalho, estão representadas através de desenhos, croquis e, também, mapas¹¹, que em se tratando de uma dimensão geográfica é o mais indicado. Compreendo que o mapa é um apanhado de construções sociais, constituídos das mais variadas formas pelo sujeito que faz parte de determinado meio social, seja de forma abstrata ou material.

Tais produções tiveram o propósito de captar a percepção do lugar pelos interlocutores da pesquisa, no caso de visualizar as relações imbricadas do campo-cidade que hora se distanciam, hora se aproximam, pelos mais variados motivos, especialmente na visão dos estudantes, suas representações sobre a condição social vivida e os valores cultivados.

Pelos mapas, desenhos e croquis também se buscou saber das condições da lancha, das trocas de convivência, das atividades que fazem durante o percurso escolar, as posturas diante do condutor da lancha e, ainda as relações que permeiam o trato pedagógico da escola, todos são elementos textuais que contribuem para uma reflexão sobre o que se apreende e se vive durante o trajeto casa-escola e vice-versa, foco do estudo.

Para computar tais processos, as três estudantes (Cora, Coralina e Vitória) foram convidadas a registrarem suas ideias e opiniões pelos instrumentos acima referidos, ou seja, houve o empenho para retratarem o espaço geográfico bem como o espaço de vivência que se configura entre o campo e a cidade; mais a vivência do percurso escolar.

¹¹ “Cabe dizer que o mapa (no seu sentido mais amplo possível) exerce a função de tornar visíveis pensamentos, atitudes, sentimentos tanto sobre a realidade (percebida) quanto sobre o mundo da imaginação” (SEEMAN, 2003).



Foto 04: Mapa do percurso escolar na lancha. Autora: Coralina. Fonte: Trabalho de campo, 2019.



Foto 05: Mapa do percurso escolar na lancha. Autora: Cora. Fonte: Trabalho de campo, 2019.

Nos dois mapas, primeiramente fica evidente as diferenças geográficas espaciais, a área rural é caracterizada por elas como algo bem familiar, com destaque a descrição das residências de familiares e vizinhos, que fazem parte de uma convivência que começou na infância, além do destaque para a presença da natureza na localidade e no rio. Também, o rio é posto como principal meio de deslocamento. Aparecem ainda, os tipos de residências feitas de madeira, as serrarias e as igrejas, pois estas são parte do cenário do lugar e frequentada por elas, conforme já mencionado.

Com relação a representação da cidade, esta foi visualizada sem tamanha intimidade, e até com atribuições negativas, a exemplo a imagem de Vitória mostrando que há esgotos sendo despejados no rio, desenhados por assim como as cores utilizadas por Cora para representar o braço do rio que mora. Outra forma de representar apareceu com o conhecido Rio

Pequeno, cujo colorido buscou expressar sua vitalidade, somado ao rio Acará, que banha a cidade do Acará, podendo revelar que considera as águas em que costuma navegar em Igreja Nova Glória, mais limpas que as da cidade. Também enfatizam com desenhos de peixes no rio, demonstrando que na comunidade costuma ser farta, mas na cidade está cada vez mais escassa.



Foto 06: Mapa do percurso escolar. Autora: Vitória. Fonte: Trabalho de campo, 2019.

Descrevem ainda a cidade como sendo um concentrado de casas, lojas e restaurantes, com asfalto nas ruas, as quais estão sempre cheias de motos e carros, o que de imediato pode contrastar com o modo de vida no campo.

As alunas ainda foram instigadas a colocarem no papel atividades que costumam realizar na comunidade.

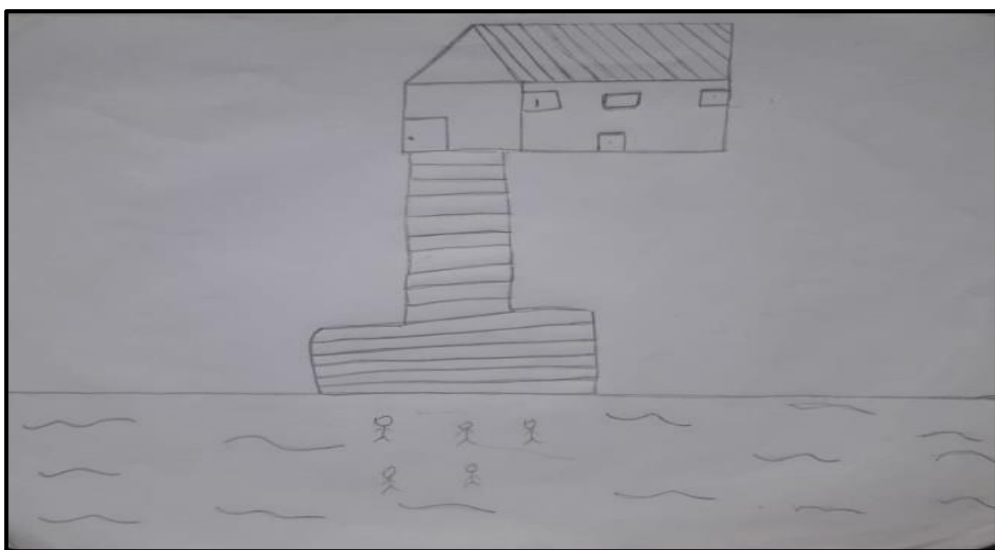


Foto 06: Banho de rio na comunidade. Autora: Cora. Fonte: Trabalho de campo, 2019.

A atividade é a de tomar banho de rio, de muito prazer para ela, pelo fato de envolver adultos e crianças em momentos de entretenimento, por possibilitar o contato direto com a natureza e, também, porque essa dádiva está pertinho deles, isto é, os moradores não precisam sair para o deleite desta atividade. Trata-se de prática social, um hábito cotidiano que os coloca como atravessados à natureza e seus elementos, a exemplo do rio.



Foto 08: Vôlei no quintal de casa. Autora: Vitória. Fonte: Trabalho de campo, 2019.

A estudante destacou esta atividade de entretenimento e lazer, o vôlei, como uma prática que ocorre nas áreas urbana e rural, sendo que onde ela mora – Igreja Nova Glória -, costuma ser praticado aos finais de semana e nos feriados.

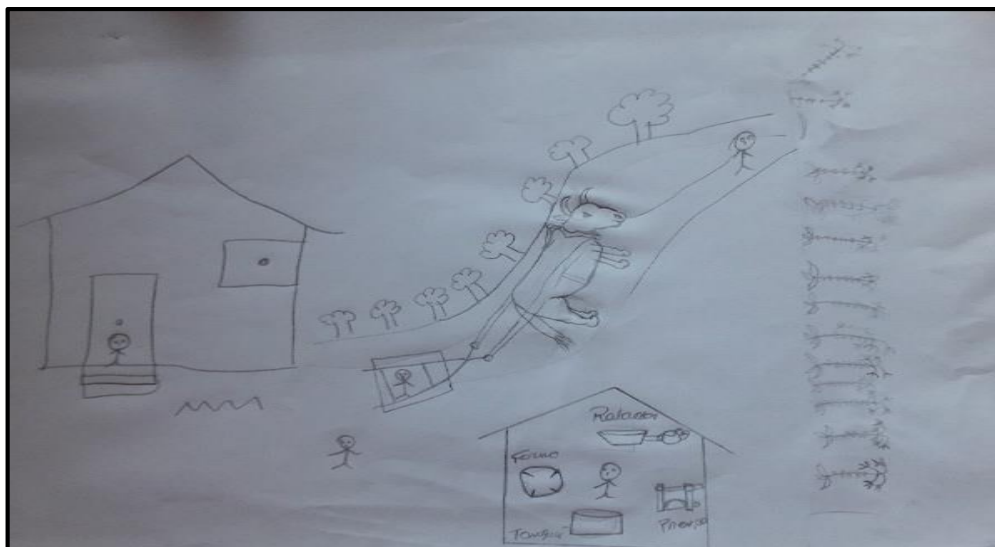


Foto 07: Percurso até a roça. Autora: Coralina. Fonte: trabalho de campo, 2019.

A autora destaca o percurso e uma das atividades que costuma realizar quando no lugar, é a ida a roça, sendo discursado por ela como um momento de interação entre ela e sua família.

Soube dizer que é uma prática que se perpetua e com saberes milenares que envolve o plantio, a colheita da mandioca e a própria produção do produto final, que é a farinha.

Com base nos desenhos observa-se que as estudantes traduzem uma apropriação acerca do reconhecimento social e de pertencimento com o território, com o lugar que habita, na qual o campo e a cidade se complementam nas suas diferenças, geográficas e espaciais, isto associado aos referenciais discutidos no capítulo I.

Pode-se dizer que as estudantes possuem um conteúdo geográfico do lugar com propriedade, sendo o território vivido, isto é, sabem caracterizar o espaço-tempo da comunidade, sabem dizer o que se passa e ter visões sobre diversas relações existente entre a dinâmica campo-cidade, até porque participam de uma das dinâmicas que é a de ir e vir para estudarem. Pelos desenhos é caracterizado a comunidade, modos de viver mediado pela natureza do lugar. Em síntese, os dois territórios apresentam dinâmicas sociais, culturais, econômicas e políticas distintas, sendo que no tocante ao território rural e o da cidade sejam carregados de processos identitários com significados próprios, todavia o faz com que cada um se sobressaia em seus processos é a condição de complementariedade e relação mútua entre ambos, e o respeito e a interação entre os sujeitos desses territórios com suas peculiaridades e, da parte da educação, tal dinâmica do transitar nesses espaços possibilita aos estudantes vivências, aprendizados, atos de reciprocidade, que dão vivacidade a um tipo de produção cultural e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação campo-cidade se faz contraditória, relevante e de aprendizados para os sujeitos de ambos os contextos. Portanto, se faz um conteúdo histórico e cultural para os estudantes. Especialmente, para os residentes de contextos rurais, devido a carga de preconceito e características perjurativas ao rural como lugar do atraso, da falta de estudo, e a cidade com a de extrema insegurança, criminalidade e poluição exagerada.

Tal reflexão remete a várias dimensões, enquanto territórios que são, produtores de culturas, de formação de identidades e de sujeitos que se autoafirmam com certa autonomia. No caso, a pesquisa buscou retratar o movimento de estudantes que viajam diariamente até a cidade para estudar.

Como resultados, o estudo aponta que durante tal deslocamento ocorre não somente o ir e vir até a escola, mas também se processam convívios, aprendizados, trocas. Vivenciam os estudantes, por exemplo, uma constante organização de suas rotinas com base no horário e condução de seus pais/responsáveis. Ocorrem também construções identitárias a partir das relações que são estabelecidas durante o tempo que convivem, dentro da embracção. O do condutor da lancha em sua função também assume um caráter pedagógico e normatizador de hábitos junto aos estudantes e consigo mesmo. Os estudantes aprendem uma forma se relacionarem com a cidade.

Desse convívio está posto as expectativas dos pais sobre o estudo dos filhos, acreditando que este irá proporcionar uma mudança na condição de vida dos filhos.

Com relação ao percurso realizado na lancha escolar além de ser a efetivação de um direito dos estudantes que necessitam utilizar um transporte para chegar até a escola, também é um momento de interação entre os alunos seja pela construção de amizades, seja pelo estabelecimento de vínculos afetivos com os alunos residentes da mesma localidade e com outras pessoas da cidade. Destaca-se ainda que através do percurso diário, são instigados a aprender a lidar com o tempo para manterem a regularidade na escola, assim suas atividades de alimentação, ajuda aos pais e preparação são realizadas levando em conta o horário da lancha (na comunidade é em torno das 10:30 horas da manhã). Os estudantes tem a possibilidade de conhecer outros espaços, por onde transitam durante os percursos diário.

Sobre as alunas, participantes da pesquisa, elas demonstraram um conjunto de saberes e de aprendizados, sobretudo no tocante as relações com o lugar, Igreja Nova Glória. São detentoras do saber local, quando sabem opinar sobre as condições de trabalho dos familiares, do convívio e proximidade com a vizinhança. Do ponto de vista valorativo, mesmo sendo uma rotina cansativa dentro da lancha, elas aprendem aspectos de respeito, de cordialidade e até de

confiança, pois no momento em que estão na lancha confiam sua segurança e bem-estar ao condutor e, vivenciam um tipo de convivência diária entre estudantes, por um longo de tempo de suas vidas. Aprendem a serem mais humanos pelo simples convívio num espaço que lhes é comum, de estudantes que viajam juntos na lancha e, dessa forma vão construindo amizade mais com aqueles que residem na localidade, sendo afirmada na lancha e se estende para os espaços urbanos, como na escola, por exemplo.

Pelo estudo também se fez evidenciar um aspecto mais geral da educação do campo, a de sua ainda e antiga precariedade, fazendo com o direito de uma educação escolar com qualidade social esteja ainda bastante distante da realidade, na região tocantina. No caso da comunidade rural pesquisada, possui uma única escola, com atendimento a nível do ensino Educação Infantil e nível fundamental menor anos iniciais, obrigando os moradores a buscarem em outras localidades a continuidade dos estudos. Daí, se apresenta o Programa nacional de apoio ao transporte escolar (PNATE) como uma alternativa para a continuação dos estudos.

O percurso escolar, mesmo com todas as dificuldades implicadas no desempenho estudantil, de algum modo é promissor de um re-olhar a cidade, Acará, lócus onde muitas das principais necessidades sejam sanadas. Re-olhar que os faz ver a comunidade Igreja Nova Glória também como uma cidade, lócus de morada, onde marca ainda o sossego e um modo de viver do campo. Nesse intento, o estudo nos fez aprender um pouco mais da complementariedade entre ambos os contextos, em que a cidade de Acará também se configura como o principal mercado consumidor da produção do campo, e costuma prover do campo a base da sua alimentação, que está na farinha e no açaí e, a cidade, oxigena outras formas de viver e está nela, também importante de serem aprendidas por seus habitantes.

Nesse sentido, um dever na escola, é a indispensável reflexão que ajude na superação dos estigmas postos aos diferentes contextos, territórios, lugares, por uma outra geografia social e territorial.

REFERÊNCIAS

- ACARÁ. Prefeitura Municipal de Acará – História. Acará/Pa 2019. Disponível em <http://acara.pa.gov.br>. Acesso em 22. Jul. 2019.
- ANDRÉ, M.E.D.A (1983). Texto, contexto e significado: algumas questões de análise de dados qualitativos. **Cadernos de Pesquisa**, (45): 66-71.
- ANDRADE, Artur Leonardo; ALVES Flamarion Dutra. As Representações Socioespaciais da Relação Campo-Cidade, Rural-Urbano na Geografia Agrária Brasileira: Análise do período entre 1998 e 2012. Campo-Território: **Revista de geografia agrária**, v. 9, n. 17, p. 166-193, abr., 2014.
- ARROYO, Miguel Gonzales; FERNANDES, Bernardo mançano. A Educação básica e o movimento social do campo. **Por uma educação básica do campo**. Brasília-DF. 1999.
- BATISTA, Ana Lúcia Santana. A Relação Campo-Cidade No Ensino De Geografia: Uma Análise Do Trabalho Pedagógico Com Estudantes do Fundamental II. *Germinal: **Marxismo e Educação em Debate***, Salvador. v. 10, n. 2, p. 124-143, ago. 2018.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, v. 10, p. 11-28, 2007.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. et al. **Tempos e Espaços nas Comunidades Rurais do Alto e Médio São Francisco, Minas Gerais**. II encontro dos grupos de pesquisa, Uberlândia-MG. 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues, **O que é Educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. 116p.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Educação do Campo: marcos normativos. Brasília: SECADI, 2012.
- CAVALCANTE, Gilma da Costa. **Campo e Cidade: Interações Entre Saberes e Práticas Socioeducativas no Interior de Uma Escola**. In. EDUCERE. XII Encontro Nacional de Educação, 2015.
- COGUIEC, Éric le. Ficção, diário de campo e pesquisa-ação. **Cena**. n. 20. Montreal. 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cena/article/viewq68331/39010>. Acesso em 06. jun. 2019.
- GAVIOLI, Vargas Edilene. **O cotidiano das crianças usuárias do transporte escolar e a educação do campo em Buritis/ RO**. 2016. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Pedagogia, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Ariquemes. 2016.
- GODOI, Emília Pietrafesa de. Territorialidade: Trajetória e Usos do Conceito. **Raízes**. v.34, n.2, jul/dez ,2014. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br>. Acesso em: 09. abr. 2019.

HAGE, Salomão. Transgressão do paradigma da (multi) seriação como referência para a construção da escola pública do campo. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 35, 2014.

JACINTO, Manoel Janério; MENDES, César Miranda. O rural e o urbano: contribuições para a compreensão da relação do espaço rural e do espaço Urbano. **Revista Percurso**. Maringá, 2012.

LABACHE, L.; MARTIN, M.S. Fronteiras, Trajetórias e Experiências de Rupturas. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 29, n. 103, p. 333-354, maio/ago, 2008. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 02. jun. 2019.

LUDKE, menga e ANDRÉ, Marli E. D. **A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1988.

SANTOS, Milton. O Território e o Saber local: algumas categorias de análise. **Cadernos IPPUR**, Rio de Janeiro, Ano XIII, n. 2, 1999 p. 15-26.

SEEMANN, Jörn. Mapas e percepção ambiental: do mental ao material e vice-versa. **OLAM - Ciênc. & Tec.** Rio Claro. V.3. n. 1. p. 200-223., Set. 2003.

DICIONÁRIO INFORMAL. Percurso. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/percurso>. Acesso em 02 out. 2019.

ANEXOS

Fotos da Comunidade Igreja Nova Glória



Foto 08: Local de produção da farinha da família de Coralina. Fonte: Trabalho de campo, 2019.



Foto 09: Trapiche e rio, espaços da comunidade. Fonte: Trabalho de campo, 2019.



Foto 10: Quintal da casa de Cora. Fonte: Trabalho de campo, 2019.



Foto 11: Farinha produzida e vendida na cidade. Fonte: Trabalho de campo, 2019.

APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
POLO UNIVERSITÁRIO DE ACARÁ

1. Pesquisa referente ao Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado: A relação campo-cidade: reflexões acerca do percurso escolar e de vida de estudantes, Acará, PA.

Orientanda: Vanessa Rosa de Oliveira

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Pojo Toutonge

Participantes da pesquisa: alunas do 8º ano do Ensino Fundamental

ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM ESTUDANTES

DADOS SOCIOECONÔMICOS

1. Qual seu nome e idade?
2. Onde mora e com quem?
3. Todos da família moram no campo?
4. Qual a principal atividade econômica da família?
5. Como convivem com os vizinhos?
6. Que atividades costumam fazer no tempo livre?
7. Como é o local que você mora? O que mais gosta deste local?
8. Como você compreende o campo e a cidade?

DADOS ESCOLARES

1. Onde você estuda? Em qual ano de escolarização?
2. Sempre estudou na cidade?
3. Como é a sua relação com os professores?
4. Na escola, como costuma se relacionar com os colegas de turma e de outras turmas?
5. Qual o tipo de transporte que você utiliza para chegar até a escola?
6. Quais as condições e frequência desse transporte?
7. Como se dá o percurso até a escola?
8. Como é a viagem diária da sua localidade até a cidade?
9. Como participa das atividades extraclases na escola?
10. Pretende continuar morando no campo após a conclusão dos estudos? caso sim, por que?



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
Rua da Angélica s/n.º- Mutirão – Fone/ Fax: (91) 3751 – 1107
ABAETETUBA – PARÁ

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO**

Declaro por meio deste termo, que concordei em participar na pesquisa de campo (informações, relatos, depoimentos, fotografias etc.) bem como fui informada da participação do menor de minha responsabilidade legal. Cujo enfoque tem como título: **A relação campo-cidade: Reflexões acerca do percurso escolar e de vida de estudantes, Acará, pa.** Investindo na realidade local, no que tange a reflexões sobre trajetórias de vida e da escola em seus processos educativos, de crianças do Ensino Fundamental (anos finais) no município de Acará. A investigação é parte substancial do **Trabalho de Conclusão de Curso – TCC** em fase de finalização da acadêmica do curso de Pedagogia/UFPA/Polo Acará – **Vanessa Rosa de Oliveira** devidamente matriculada nesta instituição de ensino.

Fui informada ainda de que a pesquisa é orientada pela professora **Eliana Pojo Toutonge** a quem poderei contatar/ consultar a qualquer momento que julgar necessário, através do e-mail elianapojo@ufpa.br.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Fui informada ainda de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento, ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Acará, 14 de março de 2019

Assinatura do (a) participante/responsável

Nome da Criança

Assinatura do proponente/Orientanda

Assinatura do orientador

Assinatura do (a) testemunha